

Expositor: Oscar Pacheco - El Salvador (<https://www.youtube.com/@MegafonoAdventista>)

Exibidas por: Rendición Media - Porto Rico (<https://www.youtube.com/@rendicionmedia>)

Exibidas em: 07/02/2026 e 14/02/2026

Apresentações originais em espanhol disponíveis em:

<https://www.youtube.com/watch?v=pIDHZV6yaLw&t=16s> e

[https://www.youtube.com/watch?v=OjSy\\_zphkyg&t=29s](https://www.youtube.com/watch?v=OjSy_zphkyg&t=29s)

Tradução e divulgação: Biblioteca 1888 ([biblioteca1888.org](http://biblioteca1888.org))

## MINISSÉRIE: PRECISOSAS PROMESSAS

### 1 - O PACTO DA PROMESSA

O primeiro tema que vamos abordar nesta série se intitula "O Pacto da Promessa". Para começar, gostaria de compartilhar uma história: a história de Bernie Madoff. Ele foi um investidor americano e uma das figuras mais conhecidas do mundo financeiro por orquestrar o maior esquema de fraude piramidal da história. Fundou sua empresa em 1960 e, com o tempo, ganhou a reputação de investidor confiável e bem-sucedido, com fortes conexões em Wall Street. Chegou a ser presidente da Nasdaq, uma das bolsas de valores mais importantes do mundo. Sua imagem pública era a de um especialista respeitado e um filantropo generoso. No entanto, por trás dessa fachada respeitável, operava-se uma vasta fraude.

Madoff alegava oferecer retornos estáveis e altos, independentemente das condições de mercado, algo que muitos consideravam quase milagroso. Na realidade, ele não investia o dinheiro de seus clientes; simplesmente usava o dinheiro de novos investidores para pagar os antigos, criando a ilusão de lucros constantes. Este esquema de pirâmide funcionou durante décadas porque Madoff selecionava cuidadosamente seus clientes, cultivava exclusividade e mantinha a operação em segredo. O golpe envolvia investidores individuais, bancos europeus, instituições de caridade e fundos de investimento, acumulando perdas estimadas em cerca de US\$ 65 bilhões.

Finalmente, a fraude desmoronou em 2008, durante a crise financeira global, quando muitos clientes tentaram sacar seus fundos simultaneamente. Madoff não conseguiu encobrir os saques e tudo veio à tona. Ele confessou aos filhos, que o denunciaram às autoridades. O destino final de seus filhos foi trágico. Seu filho Mark se suicidou em 2010 devido à pressão gerada pelo escândalo e pelas falsas acusações que sugeriam seu

envolvimento no caso, e Andrew morreu de linfoma em 3 de setembro de 2014. Em 2009, Madoff foi considerado culpado de várias acusações, incluindo fraude, lavagem de dinheiro e declarações falsas. Ele foi condenado a 150 anos de prisão. Ele finalmente morreu na prisão em 2021.

A propósito, a história desse homem foi levada às telas de cinema em 2017 com o filme "O Mago das Mentiras" (*The Wizard of Lies*), estrelado por Robert De Niro, que retrata com maestria a vida dupla de Madoff e o inferno pessoal e familiar que ele teve que suportar após sua fraude ser exposta.

Quantas pessoas leram os relatórios de investimento de Bernie Madoff durante anos? Os relatórios que ele lhes enviava, e elas acreditavam sinceramente que seu dinheiro estava crescendo. Cada documento mostrava números estáveis, lucros consistentes e uma aparente prosperidade financeira. Mas tudo era uma ilusão, absolutamente tudo. Enquanto os investidores comemoravam os resultados, na realidade, seu dinheiro já havia desaparecido. Eles estavam confiando em um crescimento fictício baseado unicamente em relatórios fraudulentos.

Essa mesma ilusão também pode ocorrer no âmbito espiritual. Muitas vezes, acreditamos possuir um sólido entendimento de certos temas bíblicos ou doutrinários. Confiamos no conhecimento que acumulamos a partir das opiniões de outros ou de nossas próprias experiências religiosas. Pensamos: "Eu já sei disso. Eu já entendo esse conceito. Já ouvi muitos sermões sobre esse assunto", mas o que realmente temos é apenas uma fotografia distorcida, uma percepção incompleta que nos dá uma sensação de segurança sem verdadeira profundidade espiritual. Com razão, o apóstolo Paulo escreveu em 1 Coríntios 8:2: "E, se alguém pensa que sabe alguma coisa, ainda não sabe como convém saber". Assim como os investidores de Madoff se contentavam em ver números em um pedaço de papel que pareciam corretos, nós também podemos nos contentar com crenças superficiais que parecem corretas, mas não têm fundamento bíblico.

Pessoalmente, acredito que uma dessas crenças distorcidas é a forma como o pacto eterno é entendido, que nada mais é do que o plano de salvação. Na Conferência Geral de Minneapolis, em 1888, "em Sua grande misericórdia", de acordo com o que está registrado em Testemunhos para Ministros, pág. 91: "O Senhor enviou uma mensagem preciosíssima ao Seu povo por meio dos pastores Waggoner e Jones".

O cerne ou a essência desta mensagem era uma compreensão revigorante e sólida sobre o tema dos pactos, que diferia muito da abordagem dispensacionalista e bilateral que, durante anos, fora considerada correta e imutável dentro do adventismo. Em 16 de março de 1890, o Senhor deu a Ellen White uma visão na qual lhe mostrou que o Espírito Santo havia dado ao Pastor Waggoner a interpretação correta a respeito do pacto eterno.

Nessa mesma revelação, foi-lhe mostrado que tanto o presidente da Conferência Geral, Pastor George Butler, quanto o editor da revista *Review and Herald*, Uriah Smith, estavam se opondo à luz que havia sido enviada do céu. Em uma carta ao Pastor Smith, Ellen White expressou claramente o que havia recebido do Senhor sobre esse assunto. Essa carta é a Carta 59, datada de 8 de março de 1890: “Anteontem, me foi mostrado que as evidências concernentes aos pactos eram claras e convincentes. Você mesmo — lembre-se de que a carta é endereçada a Uriah Smith. Você mesmo, Dan Jones, o Irmão Porter e outros estão desperdiçando em vão seus poderes de pesquisa para manter uma posição sobre os pactos que é diferente daquela apresentada pelo Irmão Waggoner. Quando vocês receberam a verdadeira luz que brilhou, não deveriam ter imitado ou seguido o mesmo tipo de interpretação e deturpação das escrituras que os judeus. Eles manipularam essas coisas de tal forma que conseguiram transformá-las em um meio de obscurecer e confundir as mentes. A questão do pacto é clara e será compreendida por toda mente sincera e imparcial. Mas fui guiada até lá, onde o Senhor me deu entendimento sobre este assunto”. Não há dúvida, após ler esta declaração, de que a posição do Pastor Waggoner sobre o pacto não era uma construção teológica humana, mas veio diretamente de Deus.

A pergunta imediata que devemos nos fazer é: Em que consistia essa posição? Qual era o conceito que ele estava apresentando a respeito do pacto eterno? O que você acha de permitir que o Pastor Wagoner responda por meio de seus escritos? Em seu comentário em *As Boas Novas: Gálatas, Versículo a Versículo*, na pág. 88, ele escreveu o seguinte: "Os pactos de Deus com o homem não podem ser nada além de promessas ao homem." Preste muita atenção a essa declaração, porque veremos essa ideia ao longo do restante das Escrituras nesta apresentação. “Isso é tudo o que podemos fazer: receber. Deus nos promete tudo o que precisamos e mais do que podemos pedir ou imaginar como um presente. Nós nos entregamos a Ele; isto é, não lhe damos nada, e Ele se entrega a nós. Em outras palavras, Ele nos dá tudo. O que complica as coisas é que, embora o homem esteja disposto a reconhecer o Senhor em tudo, ele insiste em barganhar com Ele. Ele quer se elevar a um plano de semelhança com Deus e realizar uma transação em termos de igualdade com Ele. Mas qualquer pessoa que pretenda negociar com Deus deve fazê-lo nos termos que Ele

estabelece. Isto é, com base no fato de que não temos nada e que não somos nada, e que Ele tem tudo, é tudo e é quem dá tudo”. Glória a Deus por essa declaração.

Para Waggoner, o pacto eterno não era um contrato entre partes iguais, como se Deus e a humanidade estivessem negociando no mesmo nível, sentados à mesma mesa para fazer promessas mútuas. Para Waggoner, o pacto era a promessa divina de salvação dada gratuitamente à humanidade. Em outras palavras, o pacto é essencialmente uma promessa. E esse foi o conceito que Ellen White endossou na Carta 59, classificando-o como um conceito que veio diretamente do céu.

Essa ideia, que é o eixo central da mensagem de 1888, tem um fundamento bíblico? O pacto é realmente uma promessa? Para responder a essas perguntas, percorreremos toda a Bíblia para explorar e compreender o verdadeiro significado do pacto eterno. Esse tema permeia e dá coerência a toda a Escritura, tornando-se praticamente o fio condutor de toda a narrativa bíblica. Que tal começarmos nossa jornada no livro de Gênesis? Especificamente em Gênesis 3:15, aquela passagem conhecida como o protoevangelho, visto que constitui a primeira profecia e, ao mesmo tempo, a primeira promessa registrada em toda a Escritura. No contexto da queda, Deus profere uma declaração que rompe as trevas do pecado com a luz da esperança em um Salvador prometido. As palavras do Senhor naquele momento foram: "Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a dela; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar."

Devemos nos perguntar: Gênesis 3:15 tem alguma relação com a aliança eterna? A promessa apresentada nesta passagem é uma referência direta ao pacto? Ellen White responde a esta questão crucial na seguinte citação encontrada em Patriarcas e Profetas, pág. 340: “O pacto da graça foi estabelecido primeiramente com o homem no Éden, quando, após a queda, foi dada a promessa divina de que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente. Este pacto tornou disponível a todas as pessoas o perdão e a ajuda da graça de Deus para obedecerem no futuro por meio da fé em Cristo”. Como você pode ver, Gênesis 3:15 é um anúncio claro e direto do sacrifício de Cristo. Esse sacrifício foi a base do pacto eterno. Esse sacrifício, de acordo com 1 Pedro 1:20, “já havia sido predestinado antes da fundação do mundo, mas foi revelado nestes últimos tempos por causa de vocês”. Ou seja, o plano de salvação, como Ellen White o registra em O Desejado de Todas as Nações, na pág. 13, “o plano da nossa redenção, não foi uma reflexão posterior formulada após a queda de Adão. Foi uma revelação do mistério que por toda a eternidade permaneceu em silêncio. Foi uma manifestação dos princípios que, desde a eternidade, têm sido o fundamento do trono de Deus”. Se Gênesis 3:15 é uma promessa e, ao mesmo tempo, a primeira referência ao pacto

em toda a Escritura, então isso implica que esse pacto é, em sua essência, uma promessa, a promessa de um redentor que libertaria a humanidade do domínio do pecado. Não sei se vocês conseguem perceber a maravilhosa equivalência que Gênesis 3:15 revela em relação ao pacto. O pacto é a promessa de um salvador. O pacto é o próprio Cristo. É por essa razão que o profeta Isaías escreveu o seguinte sobre o servo do Senhor, o servo sofredor. Em Isaías 42: 6-7: “Eu, o Senhor, te chamei em justiça; eu te tomarei pela mão. Eu te guardarei e te farei por pacto ao povo e luz para as nações, para abrir os olhos dos cegos, para libertar os prisioneiros da prisão e para soltar do cárcere os que jazem em trevas.”

A segunda menção do pacto no livro de Gênesis aparece no contexto do ápice do dilúvio. Em Gênesis 9:11-12, encontramos a seguinte declaração: “Estabeleço meu pacto com vocês, e nunca mais toda a carne será destruída pelas águas do dilúvio; nunca mais haverá dilúvio para destruir a terra.” E disse Deus: “Este é o sinal do pacto que estou fazendo entre mim e ti e todos os seres vivos que estão contigo, pacto por todas as gerações futuras.” Observe o que o Pastor Waggoner escreveu em seu comentário As Boas Novas: Gálatas, Versículo a Versículo, pág. 87, a respeito do pacto que Deus fez com Noé, a promessa que Deus lhe fez. “Após o dilúvio, Deus fez um pacto com todas as criaturas vivas da Terra — pássaros, animais e todos as bestas. Nenhuma delas prometeu nada em troca. Elas simplesmente receberam o favor de Deus. Isso é tudo o que podemos fazer: receber”. À luz da passagem que lemos em Gênesis 9:11-12, fica claro que o pacto é, por definição, uma promessa divina, não uma troca de promessas entre Deus e o homem. A promessa do pacto que Deus fez a Noé veio com um sinal. Qual foi esse sinal? O arco-íris.

Vamos agora considerar a explicação inspirada pelo dom profético referente a esse sinal. Qual era o significado do arco-íris? Veja o que Ellen White escreveu sobre isso no devocional matinal Nossa Alta Vocação, pág. 316: “Os anjos se alegraram ao contemplar este precioso sinal do amor de Deus pelo homem. O Redentor do mundo o contempla. Pois foi por meio de Sua intervenção que este arco foi colocado nos céus como um sinal ou pacto da promessa para o homem. O próprio Deus contempla o arco nas nuvens e se lembra de Seu pacto eterno entre Ele e o homem. O arco-íris representa o amor de Cristo que envolve a terra e alcança as profundezas dos céus, relacionando os homens a Deus e unindo a terra ao céu”. A conexão de ideias neste parágrafo que acabamos de ler é verdadeiramente fascinante.

Primeiro, a citação diz que o arco-íris constitui um sinal ou pacto de promessa para o homem. Em seguida, afirma que o arco-íris representa o amor de Cristo que envolve a terra. À luz dessa equivalência de conceitos, torna-se evidente que o pacto e o amor de Cristo são essencialmente uma só e a mesma realidade. Quão maravilhoso é saber que esse sinal do

pacto não apenas iluminou o céu após o dilúvio, mas também brilha agora no trono eterno de Deus. Observe o que João escreveu em Apocalipse 4:3: "Quando ele viu Deus Pai assentado no seu trono, eis que havia um arco-íris ao redor do trono, semelhante à esmeralda". Isso nos lembra que a fidelidade divina é uma verdade eterna ancorada no próprio centro do governo celestial. Cada vez que contemplamos o arco-íris na Terra, somos convidados a confiar plenamente que o Senhor jamais se esquece de suas promessas, porque sua misericórdia e seu pacto permanecem para sempre.

Nossa jornada em busca do pacto eterno nos leva a uma das histórias mais emblemáticas e significativas das Escrituras: a história de Abraão. Examinemos agora a primeira passagem em que Deus revela seu pacto ao patriarca. Gênesis 15:18, o texto diz: "Naquele dia, o Senhor fez um pacto com Abraão, dizendo: 'À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates'". Como podemos ver, o pacto feito a Abraão também consistia em uma promessa. Qual era essa promessa? Um descendente que herdaria a terra. Inicialmente, essa promessa foi parcialmente cumprida em Isaque. No entanto, o apóstolo Paulo esclarece que a semente prometida era, na verdade, o próprio Cristo, em quem todas as promessas alcançariam seu cumprimento final e completo. Veja o que ele escreveu em Gálatas 3-16: "Ora, a Abraão foram feitas as promessas e a sua descendência. Ele não disse às suas descendências, como se falasse de muitos, mas como de um só: E à tua descendência, que é Cristo".

Novamente, podemos ver como o conceito de pacto está indissolivelmente ligado a Cristo. Sempre que a Bíblia menciona a promessa do pacto, seu cumprimento, seu fundamento ou sua garantia, ela sempre nos conduz à pessoa de Cristo. O pacto não se centra no que os seres humanos podem fazer, mas na pessoa e na obra do Redentor. Cristo é o fiador do pacto eterno.

É interessante observar o que acontece imediatamente após Abraão receber a promessa da aliança em Gênesis 15. Embora Deus lhe tivesse falado claramente, Abraão anseia por uma confirmação visível para que possa reafirmar a certeza da herança prometida. É por essa razão que, em Gênesis 15:8, ele pergunta: "Como saberei que a herdarei?". A resposta de Deus é profundamente significativa. O Senhor lhe concede um sinal solene, e esse sinal assume a forma de uma cerimônia pactual.

Ellen White escreve em Patriarcas e Profetas, na página 116, comentando sobre esse episódio em Gênesis 15: "O Senhor dignou-se a fazer uma aliança com seu servo, empregando as formas costumeiras entre os homens para a ratificação de contratos solenes. Ora, em que

consistia esse pacto? Vamos ler o que diz Gênesis 15:9-10,17-18: “E ele lhe disse: ‘Traga-me uma novilha de três anos, uma cabra de três anos, um carneiro de três anos, uma rola e um pombinho.’ E ele tomou tudo isso, cortou-o ao meio e colocou cada metade em frente à outra, mas não cortou as aves ao meio. E aconteceu que, quando o sol se pôs e caiu a escuridão, viu-se uma fogueira fumegante, e uma tocha de fogo passou entre os pedaços dos animais. Naquele dia, o Senhor fez um pacto com Abraão, dizendo: ‘À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates’”. Naqueles tempos, alguns contratos ou acordos solenes eram formalizados pelo sacrifício de animais, cujos corpos eram cortados ao meio e colocados um em frente ao outro no chão. A aliança era feita quando ambas as partes caminhavam juntas entre as metades, declarando os termos do acordo. No entanto, no caso de Abraão, ocorreu algo extraordinário. As Escrituras dizem que foi Jeová quem fez um pacto com Abraão (Gênesis 15:18). O próprio Deus passou entre os animais enquanto Abraão dormia profundamente. Esse detalhe é muito significativo. O Senhor realiza o ato solene do pacto sem exigir que Abraão participe do ritual. Toda a cena está repleta de simbolismo comovente que revela o amor fiel de Deus. Primeiro, esse pacto foi selado com sangue, mostrando sua natureza solene e irrevogável. Segundo, ao passar sozinho entre os animais, Deus declarava que o cumprimento da aliança dependia unicamente Dele. E terceiro, a mensagem implícita era que, se o pacto fosse quebrado, o sangue derramado não seria o de Abraão, mas o do próprio Deus encarnado. E, de fato, foi isso que aconteceu. A Bíblia diz que no Calvário Cristo foi “ferido por nossas transgressões e esmagado por nossos pecados (Isaías 53:5).

É evidente, como escreveu o Pastor Jones em *Advent Review and Sabbath Herald*, 09/01/1900, que este não é um pacto de aliança entre duas pessoas em que cada uma é igualmente responsável, mas sim um pacto de promessa de Deus, na qual somente Ele é responsável. O Senhor empenhou Sua própria vida para que todas as promessas feitas a Abraão se cumprissem e que nenhuma delas falhasse. O relato em Gênesis 15 é essencialmente uma cena onde somente Deus está presente, fazendo promessas. Não vemos nenhuma relação bilateral. Vemos Deus fazendo uma promessa completamente unilateral. Deus promete, e Abraão simplesmente recebe as promessas. A estrutura da passagem não mostra nenhuma negociação ou condição imposta ao patriarca. O que se destaca é a iniciativa divina, não o compromisso humano.

Apesar da clareza dos fatos, alguns tentam manter uma suposta natureza bilateral na aliança de Gênesis 15, e usam a seguinte declaração inspirada encontrada em *Patriarcas e Profetas*, pág. 116: “Abraão passou reverentemente entre as porções do sacrifício e fez um voto solene a Deus de obediência perpétua.” No entanto, é importante notar que Ellen White está

simplesmente descrevendo o que Abraão fez de acordo com sua própria visão de mundo sobre o pacto, na qual os acordos humanos tipicamente envolviam compromissos mútuos. Em nenhum momento ela afirma que Deus teria pedido tal coisa a Abraão. É importante considerar, de acordo com o contexto da citação de Patriarcas e Profetas, que Abraão passa sozinho entre os restos dos animais sacrificados depois de terem sido cortados. De acordo com a cultura da época, ambas as partes tinham que passar juntas entre os animais cortados para formalizar um pacto de sangue. Contudo, no relato bíblico, não vemos Deus passando juntamente com Abraão. O texto mostra que a ratificação do pacto ocorreu posteriormente, quando uma fogueira fumegante e uma tocha flamejante, símbolos da presença de Deus, passaram entre as partes, enquanto Abraão dormia profundamente, alheio ao que estava acontecendo. Portanto, o ato de Abraão não pode ser considerado uma participação constitutiva no pacto. O único que, em última instância, sela o pacto é o próprio Deus, enfatizando mais uma vez sua natureza unilateral. De fato, o apóstolo Paulo afirma que o único que fez um juramento naquele pacto descrita em Gênesis 15 foi o próprio Deus. Vejamos. Isso aparece em Hebreus 6:13-18. Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não havia ninguém maior por quem jurar, jurou por si mesmo. Por quem Deus jurou? Em Gênesis 15, ele jurou por si mesmo. Ele não jurou com base no juramento de Abraão. Ele jurou por si mesmo, dizendo: "Certamente te abençoarei com abundância e te multiplicarei grandemente." E, tendo esperado pacientemente, recebeu o que lhe fora prometido". Observe como o apóstolo Paulo descreve esse pacto: como uma promessa. "Pois as pessoas certamente juram por alguém maior do que elas mesmas, e para elas o fim de toda controvérsia é o juramento para confirmação. Portanto, querendo Deus mostrar mais abundantemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, interpôs um juramento para que, por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta; tenhamos forte encorajamento, nós, que agarramos a esperança que nos foi proposta". Se a ação de Abraão de passar entre as carcaças dos animais tivesse sido uma resposta a uma instrução direta de Deus, então o próprio Deus teria induzido Abraão a assinar sua própria sentença de morte, visto que a violação do pacto se pagava com a vida do transgressor. E Abraão, como todos sabemos, demonstrou incredulidade em diversas ocasiões a respeito da promessa divina. Afirmar que Deus pediu a Abraão que andasse entre os pedaços dos animais mortos seria equivalente a dizer que o Senhor voluntariamente o levou a um juramento que o condenaria, o que é incompatível com o caráter de Deus. Portanto, interpretar essa declaração de Ellen White como uma negação de que o pacto foi uma promessa unilateral feita por Deus a Abraão é forçar o texto e introduzir uma ideia imaginária para sustentar um preconceito.

Voltemos agora ao segundo livro da Bíblia e extraíamos as lições que ele nos oferece a respeito do pacto. A primeira menção do pacto eterno em Êxodo aparece praticamente em seus capítulos introdutórios. Em Êxodo 2:24, lemos o seguinte: "E Deus ouviu o gemido deles e lembrou-se de seu pacto com Abraão, com Isaque e com Jacó." No entanto, é no capítulo 6 que encontramos uma explicação mais detalhada desse pacto do qual Deus se lembra. Do que ele consistia? Êxodo 6: 3-4, diz: "E eu apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como Deus Todo-Poderoso, mas em meu nome Jeová não me dei a conhecer a eles. Também estabeleci meu pacto com eles para lhes dar a terra de Canaã, a terra onde foram peregrinos e na qual moraram". Novamente, o pacto é apresentado em termos de uma promessa. Deus assegura que dará ao Seu povo a terra de Canaã. Essa é a promessa, esse é o pacto, essa é a essência do que Deus está prometendo.

Não se trata de um acordo negociado ou um compromisso mútuo entre duas partes com responsabilidades equivalentes. A ênfase está na fidelidade divina e não na capacidade humana, reafirmando assim a natureza promissória e unilateral do pacto eterno. Podemos observar o mesmo na cena do Sinai, quando Deus conduz o Seu povo ao pé da montanha para receber a lei. Observe o que aparece em Êxodo 19:4-6, em relação a esse incidente. "Vocês mesmos viram o que eu fiz aos egípcios e como os carreguei sobre asas de águia e os trouxe a mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardares meu pacto, então sereis o meu tesouro particular dentre todos os povos, porque toda a terra é minha; e vós me sereis um reino de sacerdotes e uma nação santa. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel".

A passagem nos mostra claramente que a base do pacto são as promessas divinas. Quais são essas promessas? Sereis o meu tesouro particular. Sereis um reino de sacerdotes e uma nação santa. Em outras palavras, a aliança não se baseia no que o povo pode oferecer, mas no que Deus, por sua graça, promete realizar neles. E o que Deus promete realizar neles? Deus promete torná-los sua propriedade especial. Deus promete estabelecê-los como seu sacerdócio real. Deus promete torná-los uma nação santa. O propósito de Deus ao conduzir Israel ao pé do Monte Sinai era que eles aceitassem seu pacto eterno. É importante notar que a palavra "guardar", usada na passagem que acabamos de ler, é a palavra hebraica "*shamár*" e não significa simplesmente obedecer. Segundo o dicionário bíblico *Strong*, esse termo abrange nuances como proteger, cuidar, valorizar, zelar, observar e meditar. Em outras palavras, Deus queria que Israel valorizasse as promessas de seu pacto. Seu chamado não era para que o povo agisse com base em seus próprios esforços humanos, mas para que ouvisse a voz de Deus e contemplasse, pela fé, as promessas que Ele mesmo havia feito. Uma vez que o povo ouvisse e aceitasse as palavras de Deus, seria capacitado a obedecer. Era essa mesma

palavra, e não o seu próprio esforço, que produziria neles um espírito de obediência. O texto diz: "Se vocês ouvirem a minha voz, serão um reino de sacerdotes e uma nação santa". Aí podemos ver a causa e também o resultado nesse texto. A causa, a origem, a fonte é ouvir a minha voz. A palavra de Deus, a promessa de Deus, essa é a fonte, esse é o gatilho, o que produziria um povo de sacerdotes e um povo santo. Note que a santidade, segundo este texto, não é resultado de nossa própria determinação, mas de permitir que a palavra de Deus opere em nós e produza aquilo que, por nossa própria força, jamais conseguiríamos alcançar.

Mas alguém poderia perguntar: será que a palavra de Deus é realmente tão poderosa a ponto de produzir santidade na humanidade? Será que a palavra de Deus possui esses poderes? Pode a palavra de Deus me tornar obediente e moldar a santidade de Cristo em minha vida? Pode o Senhor me dar um novo coração depois que eu ouvir atentamente o poder de sua palavra? Deixemos que Ellen White responda no livro de Educação, pág. 114: "Na palavra de Deus está a energia criadora que chamou os mundos à existência. Essa palavra transmite poder, ela gera vida. Cada mandamento é uma promessa aceita pela vontade, recebida na alma, traz consigo a própria vida do ser infinito, transforma a natureza e recria a alma à imagem de Deus". Glória ao Senhor por esta maravilhosa e contundente declaração. A palavra de Deus tem a energia, o poder, a faculdade suficiente para transformar completamente nossas vidas, para nos dar o caráter de Cristo, para implantar em nós a própria obediência de Cristo.

Esse é o poder da palavra de Deus. Essa palavra poderosa que deu origem a coisas animadas e inanimadas, a coisas visíveis e invisíveis, pode transformar nossos corações, pode nos tornar um sacerdócio real, pode nos constituir um povo ou nação santa. A mensageira de Deus diz isso, a palavra de Deus assim estabelece claramente.

Voltemos agora ao tempo da monarquia de Israel e examinemos alguns dos versículos que Davi compôs em seu salmo de ação de graças quando a arca foi trazida de volta a Jerusalém. Em 1 Crônicas, 16:16-18, ele compôs o seguinte: "Do pacto que fez com Abraão e do seu juramento a Isaque, que confirmou a Jacó como estatuto e a Israel como aliança eterna, dizendo:

Vejam o que diz a passagem. Em que consiste essa aliança? Essa aliança que Deus fez com Abraão, esse juramento que Ele fez com Isaque, o juramento que reiterou a Jacó como um estatuto e ao povo de Israel como uma aliança eterna. Em que consiste essa aliança? "A ti darei a terra de Canaã, porque Sião é a tua herança." Que passagem interessante! Ela é extremamente reveladora, pois mostra que a aliança dada a Abraão é exatamente a mesma

aliança que Deus confirmou a Isaque e Jacó. Deus não tem múltiplos pactos. Deus tem apenas um pacto, o pacto eterno que foi revelado progressivamente ao longo da história. Cada geração recebeu a mesma promessa divina, adaptada ao seu contexto, mas sem alterar sua essência: a certeza da salvação provida pelo próprio Deus. O pacto eterno é apresentado neste texto como uma promessa. Acabamos de lê-lo. De fato, Deus declara que Ele mesmo daria a terra aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó.

Voltemos agora ao livro dos Salmos. Os Salmos são um dos livros do Antigo Testamento que contém o maior número de alusões ao pacto. Examinemos uma dessas alusões. Salmo 89, 3-4, 28 e 34: “Fiz uma aliança com o meu escolhido. Jurei a Davi, meu servo, dizendo: ‘Estabelecerei a tua descendência para sempre e edificarei o teu trono por todas as gerações’”. Não é esta uma promessa? “Manterei a minha misericórdia para com ele para sempre, e o meu pacto com ele permanecerá firme. Não quebrarei meu pacto, nem mudarei o que saiu dos meus lábios.” O pacto eterno foi revelado a Davi em termos de uma promessa. O salmista usa um quiasmo [disposição cruzada da ordem das partes simétricas de duas frases, de modo que formem uma antítese ou um paralelo] no versículo 28 para estabelecer uma correspondência entre o pacto e a misericórdia de Deus, mostrando que ambos os elementos, ambos os termos, são inseparáveis. O pacto é a garantia da misericórdia divina, e a misericórdia confirma o pacto. A passagem também destaca que o Senhor não se esquecerá de seu pacto. Ele é fiel às suas promessas. Outro texto que demonstra essa correspondência entre o pacto eterno e a misericórdia de Deus é o seguinte: Isaías 55:3: “Inclinem os ouvidos e venham a mim; ouçam e viverão, e farei com vocês um pacto eterno.” Em que consiste esse pacto? Observem o que a passagem diz: “as misericórdias firmes a Davi”.

Como é gratificante saber que a misericórdia do pacto é renovada a cada dia. Observem o que Jeremias escreveu em Lamentações 3:22-23: “Pois as suas misericórdias jamais acabam; renovam-se cada manhã; grande é a tua fidelidade.” É por isso que o pacto eterno também é chamado de novo pacto, porque a graça divina, que é o próprio coração do pacto, é manifestada e constantemente renovada em nossas vidas.

Voltemos agora aos escritos proféticos e observemos como os profetas do Antigo Testamento descreveram o pacto. O que era o pacto eterno para eles? Um dos textos que descreve com maior clareza e profundidade a natureza do pacto eterno encontra-se no livro do profeta Jeremias 31:31-33. Observe o que diz esta passagem: “Eis que vêm dias, declara o Senhor, em que ‘farei um novo pacto com a casa de Israel e com a casa de Judá, não como o pacto que fiz com seus pais. Dias em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito, porque eles quebraram o meu pacto, embora eu fosse o seu marido’, diz o Senhor. ‘Mas este é o

pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias', diz o Senhor". Observe em que consiste o pacto. Qual é o pacto para Jeremias? "Porei a minha lei no seu interior e a escreverei nos seus corações; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo." Este pacto que aparece em Jeremias 31:31-33, que é chamada de novo pacto, é o mesmo que aparece em Jeremias 32:40, com a diferença de que, nesse texto, ele é chamado de pacto eterno. Como sabemos que é a mesma aliança?

Porque as promessas que Deus faz em Jeremias 31 são exatamente as mesmas que as que aparecem em Jeremias 32. Em Jeremias 31:33, Deus promete colocar a sua lei na mente e no coração das pessoas. Já em Jeremias 32:40, Deus promete dar-lhes um coração que o teme. Vamos ler: "Farei um pacto eterno com eles, para que eu não me afaste de lhes fazer o bem; porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim."

Os dois adjetivos aplicados ao pacto nessas passagens são "novo" e "eterno". Novo porque, como já mencionamos, a experiência da graça no coração humano se renova a cada dia e é eterna porque se originou na mente de Deus desde a eternidade. Ou seja, o pacto é uma realidade que transcende a humanidade. Ele foi orquestrado antes da criação deste mundo. Nem você nem eu estávamos lá no momento de sua constituição, no momento de sua origem, de sua fundação. Ellen White escreveu o seguinte a respeito dessa realidade que não podemos ignorar. Em *A Maravilhosa Graça de Deus*, pág. 130, ela declara: "A salvação da raça humana sempre foi o propósito dos Conselhos do Céu. o pacto da misericórdia foi estabelecido antes da fundação do mundo. Ele existe desde a eternidade passada e é chamado de pacto eterno. Assim como Deus nunca deixou de existir, nunca houve um momento em que não tenha sido a alegria da mente eterna manifestar Sua graça à humanidade".

Agora, voltemos a Jeremias 31:33. O que Deus promete nessa passagem? Que, aliás, é a definição que o profeta dá do novo pacto ou do pacto eterno. O que Ele promete? Deus é quem faz as promessas ali. Isso é claro. Mas em que consistem essas promessas? Este é o pacto. O que farei? Darei a eles a Minha lei. A escreverei em seus corações. Serei o seu Deus. Perceberam? Quem realiza tudo isso em nós? Somos nós mesmos ou é o poder de Deus? É o poder de Deus. Portanto, a inscrição da lei no coração do homem é a promessa do pacto. A obediência não é o pré-requisito para o pacto, mas sim o que o próprio pacto nos oferece. A obediência não é a nossa contribuição para o pacto, mas sim o que o pacto nos dá. A obediência não é produto do esforço humano, mas sim o que Cristo faz por meio da fé em nós. Veja o que Ellen White escreveu a respeito de Jeremias 31:33. Este comentário inspirado está em *Patriarcas e Profetas*, pág. 389: "O novo pacto foi estabelecido sobre

promessas melhores: a promessa do perdão dos pecados”. Eu pergunto: qual é o fundamento do pacto? Promessas. A citação afirma isso de forma clara e inequívoca. Não há necessidade de explicar esta parte. É abundantemente claro que o pacto é fundado em promessas — não apenas qualquer tipo de promessa, mas as melhores promessas, as promessas divinas. Quais são essas promessas? Ellen White diz: "A promessa do perdão dos pecados e da graça de Deus para renovar o coração e trazê-lo em harmonia com os princípios da lei de Deus." As promessas são o perdão dos pecados e a obediência. Essas são as promessas. “A mesma lei que foi gravada em tábuas de pedra é escrita pelo Espírito Santo nas tábuas do coração. Em vez de tentarmos estabelecer nossa própria justiça, aceitamos a justiça de Cristo. Seu sangue expia nossos pecados. Sua obediência é aceita em nosso favor. Então, quando isso acontece, o coração renovado pelo Espírito Santo produzirá os frutos do Espírito pela graça de Cristo”. Você ouviu isso? Pela graça de Cristo, não pelo nosso esforço humano, não pela nossa determinação, pela graça de Cristo, viveremos em obediência à lei de Deus escrita em nossos corações. Ao possuímos o Espírito de Cristo, andaremos como Ele andou. Que declaração maravilhosa!

O novo pacto também é descrito no livro de Ezequiel, onde é chamada de pacto de paz. Podemos ler isso em Ezequiel 34:25; 37:26. É interessante notar que a terminologia usada é muito semelhante à usada por Jeremias 31:33, para descrever o pacto. Veja o que o pacto significa para Ezequiel. Ezequiel 36:25-27: “Aspergirei água pura sobre vocês, e vocês ficarão purificados de todas as suas impurezas.” É uma promessa? Sim, é. É uma ação que vem diretamente de Deus? Sim, é. Vamos continuar lendo. “E eu os purificarei de todos os seus ídolos.” É uma ação de Deus? É uma promessa. Sim. “Eu lhes darei um coração novo.” É uma promessa. Sim, é. “E porei um espírito novo dentro de vocês.” É uma promessa, uma garantia de Deus para o povo. Sim, é. “E removerei o coração de pedra da carne de vocês.” Outra promessa. “E lhes darei um coração de carne novamente.” A promessa se repete. “E porei o meu Espírito dentro de vocês e farei” — quem faria isso? Deus. “E farei com que vocês andem nos meus estatutos, guardem os meus preceitos e os cumpram.” Quem faz a promessa? Em Ezequiel 36:25-27, é o próprio Deus quem promete. O que Deus promete? Purificação espiritual, um novo coração, um novo espírito, o Espírito Santo ou o Espírito de Deus habitando em nós e a capacidade de obedecer aos seus mandamentos.

Você percebeu? Tudo isso não depende de nós, mas Deus realiza em nós. Ele é quem transforma, ele é quem capacita, ele é quem cumpre a sua palavra. Deus dá e o homem recebe. Esta é a essência do novo pacto. O próprio Deus se compromete a operar em nós, tanto o querer quanto o fazer, segundo a sua boa vontade. Esta não é meramente uma reforma externa, mas uma renovação interna e espiritual, onde a lei de Deus deixa de ser um

código rígido, imposto de fora, e se torna um princípio vivo, inscrito nas profundezas dos nossos corações, no âmago do nosso ser. Assim, a obediência deixa de ser uma obrigação forçada e se torna a expressão natural de um coração transformado pela graça de Deus.

Finalmente chegamos ao Novo Testamento nesta jornada que estamos empreendendo sobre o pacto eterno, explorando a palavra "pacto" na Bíblia e o que cada parte significa e o que as Escrituras dizem algo a respeito disso.

Pergunto: quem é a figura mais adequada, por assim dizer, para nos explicar a natureza do pacto no Novo Testamento? Não acham que é o apóstolo Paulo? Sob a inspiração do Espírito Santo, Paulo desenvolve com extraordinária profundidade a relação entre a promessa feita a Abraão, a obra de Cristo e a experiência do crente. Vejamos algumas passagens bíblicas onde o apóstolo desenvolveu o conceito do pacto eterno. A primeira delas está em Gálatas 3:15-18. Diz o seguinte: “Irmãos, falo em termos humanos: um pacto humano, uma vez ratificado, não pode ser anulado nem acrescentado. Ora, as promessas foram feitas a Abraão”. Esperem um minuto, ele está falando do pacto, mas agora está falando das promessas. Por quê? Por que isso? Porque o pacto, como vimos, é uma promessa. “E à sua descendência. Ele não diz: E às descendências, como se falasse de muitas, mas como de uma só. E à tua descendência, que é Cristo”. Digo, portanto, que o pacto previamente ratificado por Deus com Cristo, a lei que veio 430 anos depois não a revoga, invalidando a promessa. Porque, se a herança é pela lei, já não é pela promessa. Mas Deus a concedeu a Abraão por meio da promessa.

A palavra pacto que aparece no versículo 15 é a palavra grega *diatheké*, que tem um significado muito especial. Veja o que diz o Comentário Bíblico Adventista, vol. 6, pág. 956. Observe que “era uma provisão preparada unilateralmente, ou de tal forma que a outra parte pudesse aceitá-la ou rejeitá-la, mas não alterá-la. A palavra que corresponde a um pacto ou acordo onde duas partes estão unidas em termos iguais é *syntheké*, que não aparece no Novo Testamento. No entanto, Paulo usa *diatheké*, aliança do homem, testamento, última vontade e testamento para ilustrar o pacto de Deus com Abraão”. Por que o Novo Testamento não usa *syntheké* e sempre usa *diatheké* ao falar de pacto? A razão pela qual o Novo Testamento nunca usa o termo *syntheké*, mas sim *diatheké*, é porque *syntheké* descreve um acordo entre iguais, onde qualquer uma das partes pode modificar os termos do pacto. No entanto, o conceito de pacto tem um significado muito diferente na Bíblia. Deus e o homem não estão em pé de igualdade. É Deus, movido por seu amor e graça infinita, quem oferece o pacto ao homem, quem dá o pacto ao homem, quem concede a promessa ao homem. O homem, por sua vez, não tem a capacidade de alterar o conselho divino, o conselho de paz, o pacto eterno. Ele não pode. O homem não é Deus para fazer isso. O homem não pode mudar ou anular o

pacto. O que o homem pode fazer com o pacto como uma promessa é aceitá-la ou rejeitá-la. O versículo 16 declara o seguinte: "As promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência." O versículo 18, por sua vez, estabelece que Deus concedeu a Abraão a herança por meio da promessa. No entanto, quando examinamos a passagem original da qual essas ideias são extraídas, observamos que o que Deus fez com Abraão foi um pacto. Veja o que diz Gênesis 15:18: "Naquele dia, o Senhor fez um pacto com Abraão, dizendo: 'À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio, o Eufrates.'" Isso significa que a Bíblia se contradiz ao falar de um pacto em Gênesis e de uma promessa em Gálatas? De modo algum. É evidente que, para as Escrituras, como vimos ao longo desta apresentação, as palavras pacto e promessa são conceitos equivalentes. De fato, em Gálatas 3:17, essa troca de termos é evidente.

Paulo menciona primeiro os constituintes do pacto, que são Deus e Cristo. Ou seja, a divindade é a origem do pacto eterno. Ele então afirma que os eventos no Sinai não anulam o pacto e finalmente declara que esses eventos não invalidam a promessa. Esperaríamos que o apóstolo Paulo dissesse: "não invalidem o pacto", já que é disso que Paulo está falando no contexto imediato da passagem. No entanto, ele usa a palavra "promessa" para se referir ao pacto, o que confirma que ambos os termos são usados de forma intercambiável nas Escrituras. Negar isso é negar o texto bíblico. É simples assim, claro.

Observe agora como o Comentário Bíblico Adventista define o pacto eterno em sua análise do texto que lemos em Gálatas 3. No vol. 6, pág. 957, o Comentário Bíblico Adventista diz o seguinte: "A promessa da aliança não foi acrescentada a nada; foi dada pessoalmente por Deus. Portanto, Gálatas 3:20 poderia ser parafraseado desta forma: Agora, um mediador implica um acordo entre duas partes, mas a promessa da aliança era unilateral, dependente apenas de Deus e, portanto, não exigia um mediador. O novo ou eterno pacto concedido por Deus a Abraão era simplesmente na forma de uma promessa. Basta aceitar a promessa pela fé, e a obediência segue naturalmente.

Um detalhe que não podemos ignorar em Gálatas 3 são os constituintes do pacto. Paulo afirma que o pacto foi ratificado por Deus com Cristo em Gálatas 3:17. Ou seja, a própria divindade é quem origina e estabelece o pacto. Em plena harmonia com o que diz o texto bíblico, Ellen White escreve o seguinte em Manuscritos Inéditos, vol. 1, pág. 107: "O Pai e o Filho concordaram com um pacto para salvar o mundo por meio de Cristo, que se entregou para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Nenhum poder humano ou angelical poderia estabelecer um pacto como este".

É evidente que nenhum de nós existiu desde a eternidade para fazer um pacto com Deus para a nossa própria salvação. Nossa salvação foi concedida, como Efésios 1:3-4 diz, “nos lugares celestiais, em Cristo, antes da fundação do mundo”. Antes de você e eu existirmos. Portanto, a humanidade não é uma parte ou constituinte do pacto, mas uma beneficiária do pacto. E onde aparece nos escritos de Ellen White que a humanidade é beneficiária do pacto? Leiamos O Desejado de Todas as Nações, pág. 17: “Para nos assegurar dos benefícios do Seu conselho imutável de paz”. Não é o conselho de paz que é o pacto eterno ou novo pacto? “Deus deu o Seu Filho unigênito para que ele pudesse se tornar um membro da família humana e conservar para sempre a Sua natureza humana. Tal é a garantia de que Deus cumprirá a Sua promessa”. A frase “para assegurar os benefícios” indica que existem beneficiários. E quem são esses beneficiários? Nós somos: a humanidade, que recebe o dom de Cristo.

Vamos agora à Epístola aos Hebreus. O que o apóstolo Paulo escreve sobre o pacto na Epístola aos Hebreus? Hebreus 9:15-16: “Portanto, ele é o mediador de um novo pacto, para que os chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate para libertá-los dos pecados cometidos sob o primeiro pacto. Pois, quando se trata de testamento, é necessário que se confirme a morte de quem o fez.” A Epístola aos Hebreus é a carta do pacto eterno. Entre suas 14 referências ao pacto, Paulo descreve o pacto eterno nesta passagem em termos de um testamento. Ou seja, o pacto é a promessa de Deus da nossa herança.

O que é um testamento? Um testamento é uma declaração escrita na qual alguém expressa seus últimos desejos e dispõe de seus bens após a morte. Em um testamento, o beneficiário recebe sem oferecer nada em troca. Não há acordo mútuo. O beneficiário não negocia com o doador, mas sim herda dele. Da mesma forma, Deus nos oferece seu pacto e suas bênçãos como herança pela graça, não por algo que possamos fazer.

Vamos agora a Hebreus 13:20-21 e observemos outra das 14 referências que Paulo faz ao pacto eterno: “Ora, o Deus da paz, que trouxe de volta dentre os mortos o nosso Senhor Jesus Cristo, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue do pacto eterno vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando Ele em vós o que perante ele é agradável, por meio de Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém”.

O sangue do pacto eterno, que é o sangue de Cristo, segundo Mateus 26:28, promete nos equipar com toda a boa obra. O mesmo sangue que permite a Cristo fazer em nós o que é agradável aos olhos de Deus é o sangue que também nos perdoa. É o Seu sangue, é a Sua

graça, não o nosso fraco esforço humano que realiza a obra mencionada em Hebreus 13:20-21. Obediência, boas obras não são fruto da nossa própria força. É o dom do pacto, é a promessa do pacto. A passagem afirma isso claramente. É o benefício que o pacto concede a todos que o recebem pela fé. Cristo em nós. Essa é a própria promessa do pacto. A obra de Cristo renovando a humanidade, transformando o seu caráter. É isso que o pacto promete fazer em nós, se não rejeitarmos a Sua graça, se não rejeitarmos a atração da própria cruz.

Agora, na análise dessas passagens bíblicas que realizamos, podemos chegar a uma conclusão lógica e inevitável, e também a uma questão transcendental. A conclusão lógica e inevitável é que se o novo pacto ou pacto eterno é a promessa de Deus de tornar o homem obediente, então o antigo pacto deve representar o oposto. O que é então o antigo pacto? A vã e infrutífera promessa do homem de obedecer a Deus por si mesmo, por meio de seu esforço, por meio de sua educação, por meio de sua vontade.

Paulo enfatiza o contraste entre ambos os pactos declarando o seguinte. Por exemplo, em 2 Coríntios 3:6, ele diz que o novo pacto é vida, enquanto o antigo pacto é morte. Também em 2 Coríntios 3:9, ele diz que o novo pacto justifica, enquanto o antigo pacto condena. Em Gálatas 4:24 e 26, o apóstolo declara que o novo pacto traz liberdade, enquanto o antigo pacto gera escravidão. Como você pode ver, não estamos falando de duas peças do mesmo quebra-cabeça, mas de duas peças de dois quebra-cabeças diferentes. Ou seja, o antigo pacto é contrário ao novo pacto. Se o novo pacto é a promessa de Deus de nos tornar obedientes, o antigo pacto deve ser o oposto. Ou seja, a promessa infrutífera do homem. O homem comprometendo-se a prestar completa obediência a Deus quando não tem o poder de fazê-lo por si mesmo. Esse é o antigo pacto.

O Pastor A. T. Jones resumiu isso magistralmente na seguinte declaração: “O antigo pacto, o pacto do Sinai, resume-se na palavra "Eu". O novo pacto, o pacto eterno, resume-se na palavra "Cristo". O antigo pacto é "Eu" e sua "justiça". O novo pacto é Cristo e a justiça de Deus. O antigo pacto é "Eu", a escravidão do pecado e as obras da lei. O novo pacto é Cristo e a "liberdade da justiça que vem pela fé". O antigo pacto, "Eu", deve ser categoricamente rejeitado e repudiado para que o novo pacto, que é Cristo, possa ocupar o seu devido lugar e manifestar o seu poder salvador”.

Ellen White expressou a diferença entre o novo pacto e o antigo pacto da seguinte maneira em Manuscritos Inéditos, vol. 1, pág. 116: “O espírito de escravidão nasce da busca por viver uma religião legalista”. Percebe como ela descreve o antigo pacto? Como um espírito de escravidão, um espírito que vive constantemente sob a aba de uma religião legalista, uma

religião de formas, ritos e regras, completamente separada de Cristo. Uma religião que se esqueceu de que Cristo é o único que pode lhe dar o poder de obedecer a esses mandamentos, “lutando, para cumprir as exigências da lei com a nossa própria força. Há esperança para nós somente quando aceitamos o pacto abraâmico”. O que é o pacto abraâmico? O novo pacto, o pacto eterno, “que é o pacto da graça, por meio da fé em Jesus Cristo. O evangelho pregado a Abraão, pelo qual ele teve esperança, é o mesmo evangelho pregado a nós hoje, pelo qual temos esperança. Abraão contemplou Jesus, que também é o autor e consumidor da nossa fé”. Assim, Ellen White, em seus escritos, também pôde ver esse contraste entre o novo e antigo pacto.

Lembre-se de que esta foi a conclusão lógica e evidente de tudo o que estudamos. Agora, também levantamos a questão de que, na análise das passagens, surge uma questão transcendental após essa jornada bíblica sobre a palavra "pacto". E qual é essa questão transcendental? Se o pacto é uma promessa, qual é a nossa parte? Essa é a questão transcendental. Qual é a nossa parte?

A natureza humana anseia pelo protagonismo. Nos custa sermos impressionados pela magnitude do sacrifício de Cristo e, como consequência, insistimos repetidamente em perguntar sobre a nossa parte como se algo do pacto dependesse do nosso mérito. O orgulho nos cega e nos impede de reconhecer que não podemos cumprir nossas próprias promessas. De fato, Ellen White escreve em Caminho a Cristo, pág. 47: "Suas promessas e resoluções são tão frágeis quanto teias de aranha". Ou seja, não somos nada e não temos nada a oferecer, nada, absolutamente nada, exceto um coração corrompido pelo pecado. Com razão, a testemunha fiel e verdadeira nos descreve como uma igreja que declara orgulhosamente: "Sou rico, enriqueci e não preciso de nada", quando na realidade somos miseráveis, pobres, cegos e nus.

Contudo, não precisamos permanecer na incerteza; não precisamos filosofar sobre qual é a nossa parte no pacto. Deixemos que a Bíblia e os testemunhos inspirados respondam claramente a esta questão. Assim, descobriremos que a nossa parte não é contribuir, mas receber. A nossa parte não é prometer, mas aceitar a promessa. Não é tentar produzir vida, mas abrir os nossos corações para que Deus possa produzir essa vida em nós.

Atos dos Apóstolos 16:30-31: “E, trazendo-os para fora, disse-lhes: ‘Senhores, que devo fazer para ser salvo?’ Eles responderam: ‘Creia no Senhor Jesus Cristo, e você e a sua família serão salvos’”.

João 6:28-29: Então lhe perguntaram: "Que devemos fazer para realizar as obras de Deus?" Esta pergunta foi feita a Cristo. E vejam o que ele respondeu. Jesus respondeu: "A obra de Deus é esta: que creiais naquele que ele enviou."

João:1:12: "Mas a todos que O receberam". O que se deve fazer: Recebê-lo. "Aos que creem". O que se deve fazer? Receber a fé em Cristo para crer. "Aos que creem em seu nome, ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus". É isso que a Bíblia diz.

Vamos agora ao espírito de profecia. Haverá concordância? Vejam o que Ellen White diz em Nos Lugares Celestiais, pág. 14: "Você deve receber Cristo como seu Salvador pessoal e deve crer nele. Receber e crer é sua parte no contrato".

Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 402: "Tudo". Vocês ouviram isso?. Não diz algumas coisas. Não há cláusula de exceção nessa declaração muito clara. "Tudo o que o homem tem a possibilidade de fazer por sua própria salvação é aceitar o convite. Que aquele que quiser tome de graça da água da vida".

Agora, observe esta citação de Fé e Obras, pág. 22 e 26. Se ainda não estiver claro, acredito que com esta declaração que leremos a seguir, haverá mais luz a respeito de qual é a nossa parte no contexto do pacto da promessa. "Nada menos do que o dever prescreve deve ser dado, e não se pode entregar um jota a mais do que se tem recebido primeiro. E tudo deve ser colocado no fogo da justiça de Cristo para purificá-lo de seu odor terreno antes que se eleve em uma nuvem de incenso perfumado ao grande Jeová e ser aceito como um doce perfume. Eu me pergunto, como posso apresentar este tópico exatamente? O Senhor Jesus", não nós, Cristo, o Senhor Jesus, "concede todas as faculdades, toda a graça, toda a contrição, todo o bom impulso, todo o perdão dos pecados apresentando Sua justiça para que o homem a faça sua por meio de uma fé viva, que também é dom de Deus.

E na pág. 26, ela diz: "Deve haver uma coparticipação na qual todo o poder é de Deus e toda a glória pertence a Deus." Nessa coparticipação, ela declara aqui que todo o poder emana de quem? De Deus. E toda a glória vem de quem? De Deus. Pertence a Deus. "A responsabilidade é nossa". Agora, do que se trata essa responsabilidade? Qual é a nossa parte? Em que consiste essa coparticipação? Observe o que ela vai dizer. "Devemos receber em pensamentos e sentimentos para dar expressão. "A combinação do poder divino e do agente humano". Não diz o poder do agente humano, diz o agente humano. E qual é a parte do agente humano? Acabamos de ler. A responsabilidade não reside em nós, e nova responsabilidade é somente receber em pensamento e no sentimento. "A combinação do

poder divino com o agente humano [que recebe esse poder divino] será um sucesso completo”. Ouçam isto: “porque a justiça de Cristo, e não a nossa, é a justiça de Cristo que realiza tudo”.

Louvado seja o nome de Deus. Nossa parte no pacto não é criar a fé, mas recebê-la. A fé que Cristo nos dá, aquela fé que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Nem é nossa responsabilidade trabalhar com nosso próprio esforço e dedicação humana, mas permitir que o Espírito Santo nos transforme, sendo assim criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus preparou de antemão para que as praticássemos. Nossa parte é confiar e receber. Deus realiza a obra em nós. Na salvação, o homem não contribui com mérito algum. Não cria o dom, não o financia, unicamente o recebe pela fé ou o rejeita. Não tentemos fazer o que só Deus pode fazer. E o que Deus pode fazer em nós? Qual é a única coisa que a poderosa palavra do Criador pode produzir no coração do homem? Obediência. Se assumirmos essa atitude de fazer a parte de Deus, nossas vidas serão um fracasso espiritual.

Vejam o que diz o livro Caminho a Cristo, pág. 69-70: “Muitos têm a ideia de que devem fazer alguma parte do trabalho sozinhos. Eles confiaram em Cristo para obter o perdão de seus pecados, mas agora tentam viver retamente por seus próprios esforços. Mas todos esses esforços falharão. Pela fé vocês vieram a pertencer a Cristo, e pela fé vocês devem crescer nEle, dando e recebendo”. Entreguem a Ele todo o coração, a vontade, a vida.” Vejam. Qual é a nossa parte? “Entreguem-se a Ele para obedecê-Lo em tudo o que Ele lhes pedir, e vocês receberão tudo”. O que receberemos se entregarmos a Ele nossos corações? Ouçam isto. “A Cristo, a plenitude de toda bênção, para habitar em vossos corações, para ser vossa força, vossa justiça, vosso auxílio eterno e para vos dar poder para obedecer”. É isso que devemos fazer: entregar-nos a Cristo para receber tudo dEle. E o que recebemos de Cristo? Fé, arrependimento, obediência, o caráter de Cristo. Tudo de bom. E todo dom perfeito vêm do Pai das luzes. Não vêm do nosso esforço; vêm da graça e da justiça de Cristo.

Agora, quero fazer uma pergunta para concluir. Deus, no fim da história, cumprirá a promessa da aliança eterna com o Seu povo? Vejam o que diz 1 Coríntios 1:20: “Pois todas as promessas de Deus são ‘sim’ nele, e ‘amém’ nele, por nosso intermédio, para a glória de Deus”. Portanto, a resposta a esta pergunta é um retumbante sim. Deus cumprirá a promessa do pacto. É possível que, antes da segunda vinda de Cristo, Deus levante uma geração que tenha a lei gravada em seu coração pelo poder da Sua justiça. É possível que o Senhor levante uma geração que reflita plenamente o caráter de Cristo no fim do grande conflito? A resposta é claramente sim. A Bíblia ensina isso.

Vejam como termina a mensagem do terceiro anjo. Esta mensagem que deve ressoar de uma extremidade da terra à outra para preparar o caminho do Senhor. Em Apocalipse 14:12, o vidente de Patmos escreve: “Aqui está a perseverança dos santos, daqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus”. O pacto eterno se cumprirá na vida de todo filho de Deus que receber Sua promessa com fé. No fim do conflito, ninguém poderá duvidar do poder transformador do amor de Deus, que perdoa, capacita, purifica e produz obediência naqueles que confiam plenamente Nele. A questão é: você receberá a promessa transformadora do pacto? A promessa do pacto é a única coisa que pode verdadeiramente nos transformar. A promessa do pacto é a única coisa que pode fazer sua vida irradiar o amor de Deus. A promessa do pacto é a única coisa que pode fazer seu casamento funcionar de acordo com o plano de Deus. A promessa do pacto é a única coisa que pode mudar o relacionamento rompido que você tem com seus filhos, preenchendo esse relacionamento com compreensão, paciência e bondade. A promessa do pacto é a única coisa que fará com que a igreja se torne uma igreja triunfante, uma verdadeira família espiritual, onde permanecemos unidos na verdade e fazemos das necessidades dos outros as nossas próprias necessidades.

Eu quero essa promessa. Anseio que a promessa da aliança seja cumprida em minha vida. Eu preciso dela. Preciso que essa promessa seja consumida em meu ser, em minha vida contaminada pelo pecado, em meu coração manchado pelo orgulho e autogratificação. E você também quer que essa promessa seja cumprida em sua vida? Meu querido irmão, receba essa promessa agora. Receba-a pela fé. E quando você a receber pela fé em Cristo, essa promessa transformará completamente sua vida. Essa promessa transformará completamente seu coração. Essa promessa renovará completamente o seu ser. Aqueles pensamentos que você antes não conseguia vencer, Cristo lhe dará o poder de vencê-los dentro de você. Aquela disposição que não podia ser mudada, Cristo a mudará porque Ele tem o poder para fazer isso. A questão é: permitiremos que Ele o faça? Vejam o que diz Hebreus 10:16. E com esta passagem, concluo esta apresentação:” Este é o pacto que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor”. Façamos dessa promessa a nossa própria. O que Deus nos promete neste tempo do fim, neste tempo de controvérsia, neste tempo em que as águas do conflito final estão sendo agitadas intensamente? O que Deus promete ao Seu povo neste tempo? “Porei as minhas leis nos seus corações e as escreverei nas suas mentes”. Que o Senhor os abençoe nesta ocasião.

## 2 - A LEI E A PROMESSA

Hoje, daremos continuidade a esta minissérie intitulada "Promessas Preciosas". Nesta ocasião, estudaremos a relação entre lei e promessa. Qual é a relação entre esses dois termos? Por natureza, os seres humanos tendem aos extremos, e isso é especialmente evidente em áreas como esportes, política e religião. A imparcialidade geralmente não é nosso forte, pois muitas vezes pendemos para um lado ou para o outro em vez de buscarmos um equilíbrio saudável. A história do Adventismo, infelizmente, também reflete esse fenômeno do extremismo. De um movimento dinâmico, caracterizado pelo crescimento constante na compreensão da verdade, começamos a estagnar em uma visão legalista da salvação, a ponto de cair no formalismo e considerar a lei como um meio de salvação. Em outras palavras, o pêndulo de nossa teologia oscilou tanto para a direita que passamos a considerar a lei como absolutamente tudo. E qual foi a consequência dessa ação?

Ellen White afirmou em Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 126, que “estávamos tão preocupados com a lei que nos tornamos tão secos quanto os montes de Gilboa, sem orvalho e sem chuva”. Comentando sobre esse radicalismo, ela declarou em Fé e Obras, pág. 12, o seguinte: “Por um lado, os extremistas religiosos em geral divorciaram a lei do evangelho, enquanto nós, por outro lado, fizemos quase a mesma coisa de outro ponto de vista. Não exaltamos diante do povo a justiça de Cristo e o pleno significado de Seu grande plano de redenção. Deixamos de lado Cristo e Seu amor incomparável, introduzimos teorias e raciocínios e pregamos discursos argumentativos”. A ênfase que demos à lei durante os primeiros 40 anos de nossa existência como movimento foi tão pronunciada que passamos a buscar a salvação por meio dela. Falamos tanto sobre a lei que, sem perceber, desbancamos Cristo, o doador da lei e de Sua justiça, que é o único poder capaz de tornar possível a verdadeira obediência. Em seu zelo para demonstrar ao mundo que a obediência à lei era necessária, a Igreja fez de Cristo pouco mais que uma nota de rodapé. A mensagem da verdade apresentada em doutrinas distintas, como a lei, o sábado, o estado dos mortos, o santuário e a reforma de saúde, abrangia praticamente todo o nosso conteúdo temático. Cada tópico discutido tinha a ver com essas doutrinas cardinais, com essas doutrinas distintas. Mas negligenciamos o mais importante, e o mais importante é Cristo e Sua justiça. Livro após livro foi publicado, sermão após sermão foi pregado, mas Jesus raramente era mencionado. O evangelho raramente era discutido naquela época.

É por essa razão que, na Conferência Geral em Minneapolis, em 1888, “em Sua grande misericórdia, o Senhor enviou uma mensagem preciosíssima ao Seu povo por meio dos pastores Waggoner e Jones”. Agora, qual era o propósito dessa mensagem? O que Deus

pretendia ao usar esses dois instrumentos para comunicá-la? O Senhor pretendia apresentar de forma mais proeminente ao mundo o sublime Salvador, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Esta mensagem também “apresentou a justificação pela fé no fiador e convidou as pessoas a receberem a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus”. Ellen White também comenta, nessa mesma passagem, que “muitos haviam perdido Jesus de vista e, portanto, precisavam voltar seus olhos para a Sua pessoa divina, Seus méritos e Seu amor inabalável pela família humana”. A razão pela qual Deus enviou esta mensagem urgente à igreja foi porque, segundo a citação, “a mensagem do evangelho, o evangelho de Sua graça, precisava ser dada à igreja com contornos claros e distintos para que o mundo não mais afirmasse que os adventistas do sétimo dia falam muito sobre a lei, mas não pregam sobre Cristo nem creem Nele”.

Um exemplo claro do legalismo denso, obscuro e frio que prevalecia naquela época está refletido em um editorial escrito pelo famoso pioneiro Uriah Smith, um teólogo muito proeminente na época. Ele publicou o seguinte na revista *Review and Herald*, datada de 11/06/1889. “A lei”, declarou o Pastor Smith, “é espiritual, santa, justa e boa, o padrão divino de justiça. A obediência perfeita a ela produzirá justiça perfeita e é a única maneira pela qual alguém pode alcançar a justificação”. Agora, observe o que ele declarou aqui. “Há uma justiça que precisamos ter para ver o reino dos céus”. Qualquer um esperaria que ele declarasse em seguida que essa justiça que nos permite estar no reino dos céus é Cristo, nossa justiça. Mas observe o que ele escreveu: “que é chamada de nossa justiça”, fazendo referência à justiça humana. “E essa justiça provém da harmonia com a lei de Deus.

Uma semana após a publicação deste editorial, alguém perguntou a Ellen White: "Qual o significado deste artigo que o irmão Smith escreveu na *Review and Herald*?" Ela respondeu o seguinte em Manuscrito 5, datado de 1889: "Ele não sabe do que está falando. Ele vê as árvores como se fossem homens andando. É impossível exaltarmos a lei de Jeová a menos que nos apeguemos à justiça de Cristo". A questão da lei ocupa um lugar importante em nossa compreensão da salvação. Se tivermos um conceito distorcido da lei, inevitavelmente teremos também uma visão distorcida de Deus e de Seu pacto eterno.

Nesta ocasião, responderei a algumas das seguintes perguntas: O que é a lei, realmente? A lei tem alguma relação com o caráter de Deus e o grande conflito? A lei foi pregada na cruz do Calvário? Como alguns afirmam, a lei pode ser cumprida? A Bíblia ensina isso? Como podemos encontrar Cristo na lei?”

O Espírito de Profecia afirma em Parábola de Jesus, pág. 246, que “a lei de Deus é a transcrição do Seu caráter”. Esta declaração inspirada nos leva a uma conclusão inevitável. As características da lei devem, portanto, ser as mesmas características do Deus que a deu. A lei não é um código arbitrário, mas uma revelação escrita do caráter divino, uma expressão moral da santidade, justiça, amor e perfeição de Deus.

Observemos, através do quadro a seguir, uma comparação fascinante entre a lei de Deus e o Seu caráter. Por exemplo, em Romanos 7:12, o apóstolo Paulo destaca três características da santa lei de Deus. A passagem declara o seguinte: "De sorte que a lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom". A lei, nesta passagem, tem três características. O mandamento ou a lei, segundo o apóstolo Paulo, é santo, justo e bom. Agora, será que Deus também cumpre perfeitamente essas três características? É possível que, no contexto do caráter de Deus, encontremos que Deus é santo, Deus é justo e Deus é bom. Absolutamente. Em 1 Pedro 1:15-16, a palavra de Deus nos diz o seguinte: “Se vocês não viverem como aquele que os chamou, que é santo, vocês deixarão de viver, pois está escrito: ‘Sejam santos, porque eu sou santo’”. Deus é santo, e o mandamento é santo. Em Deuteronômio 32:4, encontramos que Deus é justo. “Ele é a rocha”, diz Moisés, “cuja obra é perfeita, pois todos os seus caminhos são justos. Deus da verdade e sem nenhuma iniquidade nele, ele é justo e reto”. Deus é justo, e a lei é justa. No Salmo 34:2, o salmista Davi declara: “Provem e vejam como o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia”. Porque Deus é bom, e a sua lei é boa.

Assim, poderíamos listar todas as características e fazer a comparação mostrada aqui no slide, e perceberíamos que a lei é perfeita, Deus é perfeito; que a lei é essencialmente amor, que Deus é amor; que a lei é verdade, que Deus também é verdade; que a lei é imutável, isto é, não pode mudar, e Deus também não pode, que não há sombra de variação nele; que a lei é espiritual, e Deus também é espiritual, ou espírito, como declara João 4:24.

Quando entendemos que a lei de Deus é um reflexo de seu caráter, obtemos uma visão mais ampla e concreta do grande conflito. Porque o que está verdadeiramente em jogo nesta batalha cósmica é o próprio caráter de Deus. O grande conflito não se trata de poder ou autoridade. No contexto do grande conflito, a questão não é quem é mais poderoso, Deus ou Satanás. Porque se fosse esse o caso, o resultado já teria sido decidido desde o início. O que está no cerne do grande conflito é o próprio caráter de Deus. A questão fundamental levantada pelo grande conflito, o que está verdadeiramente em jogo, é se Deus é realmente justo, confiável e amoroso em seu governo. Em outras palavras, Deus é realmente quem ele afirma ser?

O principal argumento de Satanás dentro da estrutura do conflito cósmico tem sido essencialmente abolicionista [libertador]. Satanás procurou desacreditar o governo divino alegando que a lei de Deus é desnecessária, restritiva, arbitrária e impossível de obedecer. Ele acusou Deus de ser cruel e injusto com suas criaturas e alegou o seguinte. Observe o que se encontra em História da Redenção, pág. 18: “Satanás afirmou que os anjos não precisavam de lei e que deveriam ser livres para seguir sua própria vontade, que ele sempre os guiaria em retidão, que a lei era uma restrição à sua liberdade e que sua abolição era um dos grandes objetivos de sua subversão”.

Após a queda de Adão e Eva, Satanás alegou o seguinte. E esta declaração está registrada em *The Signs of The Times*, datado de 16/01/1896: “Satanás alegou que era impossível para os filhos e filhas de Adão cumprirem a lei de Deus, acusando assim Deus de falta de sabedoria e amor. Se eles não conseguiam cumprir a lei, então havia uma falha no legislador. Homens que estão sob o controle de Satanás repetem essas acusações contra Deus, afirmando que os seres humanos não podem cumprir a lei de Deus”. Se a lei não pudesse ser cumprida pelo poder da graça divina operando no coração do homem, teríamos que arrancar muitas páginas da Bíblia e renegar completamente ou quase completamente o dom profético. Conseqüentemente, acabaríamos tomando o lado de Satanás no conflito cósmico, tornando-nos seus advogados, defendendo assim as acusações que Satanás lançou contra o caráter de Deus por séculos.

Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 27, afirma que “Jesus veio a este mundo para conceder poder moral à humanidade caída, para que possamos guardar os mandamentos de Deus e participar da natureza divina, vencendo a corrupção do mundo, causada pelas paixões”. Por sua vez, as Escrituras nos dizem com grande clareza que “Deus é poderoso para nos impedir de cair e nos apresentar irrepreensíveis diante de sua glória com grande alegria” (Judas 1:24). Esta declaração bíblica que acabamos de ler não promove o perfeccionismo religioso, como alguns acreditam erroneamente. Em vez disso, esta passagem destaca o poder de Deus para erradicar o pecado de nossas vidas e nos capacitar plenamente a obedecer. A questão é: Deus tem o poder de fazer isso? Deus é realmente capaz de impedir que seus filhos caiam e apresentá-los irrepreensíveis diante de sua glória? A resposta bíblica é um retumbante sim. Negar que Deus tenha esse poder é essencialmente negar sua divindade e onipotência. E isso constitui uma forma muito sutil de ateísmo, já que questiona o poder de Deus, e isso é equivalente a negar quem Deus realmente é.

Vamos agora nos concentrar em um aspecto fundamental do nosso estudo: a imutabilidade da lei de Deus. Uma verdade que não podemos ignorar. Muitos no mundo cristão acreditam que a lei foi abolida na cruz do Calvário e, portanto, não tem mais aplicação para o crente. No entanto, esse dogma contradiz os ensinamentos claros de Jesus sobre a natureza eterna e imutável da lei. Observemos como Cristo, o próprio autor da lei, afirmou a validade permanente da lei. No Evangelho de Mateus, 5:18: “Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota, nem um til se omitirá da lei, sem que tudo se cumpra.” Aqui, nesta passagem, Jesus deixa claro que a lei moral não foi abolida com a sua morte, mas permanece tão firme quanto os céus e a terra. Por sua vez, o salmista também reconheceu a natureza eterna dos mandamentos de Deus. Ele escreveu no Salmo 111:7-8: “As obras das suas mãos são verdade e justiça. Todos os seus mandamentos são fiéis, estabelecidos para sempre, promulgados em verdade e retidão.” Deus não mudou nem alterou a sua lei. Os seus mandamentos são uma expressão imutável do seu caráter amoroso.

Ao longo da história, nenhum poder humano ou espiritual recebeu autoridade divina para alterar o que Ele estabeleceu. O único sistema político-religioso que ousou tentar modificar a lei de Deus é a Roma papal, que é simbolicamente representada nas profecias de Daniel por um pequeno chifre. Essa usurpação foi descrita pelo profeta da seguinte forma em Daniel 7:25: “Ele falará contra o Altíssimo, oprimirá o seu povo santo e procurará mudar os tempos e as leis. O povo santo será entregue nas suas mãos por um tempo, tempos e metade de um tempo.” Contudo, por mais que essa pretensão humana esteja disfarçada de autoridade eclesiástica, ela jamais poderá invalidar um único jota ou til da lei.

Entre os argumentos apresentados contra a imutabilidade da lei, alguns usam a seguinte passagem para afirmar que os mandamentos foram pregados na cruz e, portanto, perderam sua validade. O texto em questão é Colossenses 2:13-15: “E a vós, que estáveis mortos em vossos delitos e na incircuncisão da vossa carne, Deus vos vivificou juntamente com ele.” O que Cristo fez quando estávamos mortos? Ele nos deu vida. O que mais ele fez? Observe o que o apóstolo Paulo declara nesta passagem: “Perdoando-nos todos os nossos pecados, tendo cancelado o registro de dívida que era contra nós, a qual ele removeu, pregando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente ao ridículo, triunfando sobre eles na cruz.”

Após lermos esta passagem, precisamos nos fazer a seguinte pergunta: Este texto bíblico está dizendo que os Dez Mandamentos foram anulados pela morte de Cristo na cruz? A palavra traduzida como "registro" em Colossenses 2: 14, vem do termo grego *jeirógrafon*, que significa literalmente um documento de dívida ou nota de débito escrita a mão. No mundo

antigo, um *jeirógrafon* era um tipo de nota promissória legal, um reconhecimento escrito de uma dívida que alguém tinha que pagar. Era uma declaração assinada pelo devedor, obrigando-o legalmente ao cumprimento de uma obrigação. Não há evidências linguísticas ou teológicas sólidas que sugiram que esse registro de decretos se refira à lei moral de Deus. Então, qual é o documento de dívida que foi pregado na cruz? Se o contexto geral e imediato desta passagem não se refere a esse *jeirógrafon* como a lei de Deus, o que é esse documento? O que é esse *jeirógrafon* que pesou contra nós? Em Romanos 6:23, o apóstolo Paulo responde a essa pergunta: “Porque o salário do pecado é a morte”. Qual é essa nota promissória? A nota promissória é a morte causada pelo pecado. “Mas o dom de Deus, diz o texto, é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

A dívida legal e corporativa da raça humana, originada da queda de Adão, era a morte eterna e imediata. Esse era o conteúdo da nota promissória. No entanto, na cruz, Cristo assumiu essa dívida e cancelou, por meio de seu sacrifício, essa nota que existia contra nós, concedendo em seu lugar perdão, justiça e vida. Portanto, Jesus não apenas nos salvou de uma morte que enfrentaríamos no futuro. Cristo nos salvou de uma morte que já teríamos experimentado, que teríamos que experimentar no passado. Cristo deu vida ao mundo inteiro.

A inspiração declara o seguinte em Testemunhos para Ministros, pág. 134: “A morte entrou no mundo por causa da transgressão. Mas Cristo deu a Sua vida para que a humanidade, a raça humana caída, tivesse outra chance. Ele não morreu na cruz para abolir a lei de Deus, mas para assegurar à humanidade um segundo tempo de graça” — isto é, para lhe dar vida, para lhe dar uma chance. “Ele não morreu”, diz a citação, “para que o pecado se tornasse um atributo imortal. Ele morreu para garantir o direito de destruir aquele que detinha o poder da morte, isto é ao diabo. Ele sofreu plenamente a pena que a transgressão da lei por todo o mundo merecia. Ele fez isso não para que as pessoas continuassem na transgressão, mas para que retomassem sua fidelidade e guardassem os mandamentos e a lei de Deus como a menina dos seus olhos”.

Já vimos que a lei é uma transcrição do caráter de Deus e que é tão eterna quanto o próprio Deus. Agora, surge uma questão importante: qual é a função da lei? Por que a lei de Deus foi dada? Vamos explorar agora o propósito e o papel da lei no plano da salvação, lendo e analisando duas passagens bíblicas que lançam muita luz sobre este assunto. A primeira está em Gálatas 3:24. O apóstolo Paulo declara: “De maneira que a lei foi nosso guia até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé”. Qual é o propósito da lei, segundo esta passagem? Guiar-nos a Cristo para que Cristo nos justifique pela fé. Esse é o propósito da lei, de acordo

com esta passagem. Neste texto, o apóstolo Paulo explica essa função da lei com muita clareza, e Paulo menciona que a lei age como um guia. O termo grego traduzido como guia é *paidagogós*. *Paidagogós*, de acordo com o Comentário Bíblico Adventista, vol. 6, pág. 960: “era, nas famílias gregas, um supervisor dos meninos e seus acompanhantes enquanto eram menores de idade. Ele os acompanhava à escola, os protegia do perigo, os impedia de se comportarem mal e tinha o direito de discipliná-los. Nas obras de arte gregas, o *paidagogós*”, diz o comentário, “era geralmente representado por um bastão em sua mão. Se ele fosse suficientemente instruído, também poderia ajudá-los na preparação de suas lições”. Agora, a qual lei este texto se refere? E qual é o seu propósito? Faço esta pergunta porque esta mesma pergunta causou muita controvérsia no Adventismo na época, por volta do ano 1888.

Veja o que Ellen White diz em Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 275. Ela afirma que “o Espírito Santo” na passagem que acabamos de ler, Gálatas 3:24, “está falando especificamente sobre a lei moral por meio do apóstolo Paulo. A lei nos revela o pecado e nos faz sentir nossa necessidade de Cristo e nos voltar para Ele buscando perdão e paz por meio do arrependimento diante de Deus e da fé em nosso Senhor Jesus Cristo”

Outra passagem semelhante a Gálatas 3:24 é encontrada em Romanos 10:3-4. Essa passagem diz: "Porque, ignorando a justiça de Deus, buscando estabelecer a sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus, pois Cristo é o fim da lei para justificação de todo aquele que crê." A palavra grega para fim neste trecho é *telos*, e essa palavra significa extremo, fim, finalmente, imposto ou propósito. Surge então uma pergunta: em que sentido Cristo é o fim da lei? Cristo não é o fim da lei no sentido de terminar, abolir ou tornar a lei ineficaz, mas no sentido de ser seu objetivo ou propósito. Ou seja, a lei foi dada para nos conduzir a Cristo, tornando-nos conscientes de nossa incapacidade de obedecê-la plenamente por nós mesmos e, portanto, de nossa necessidade de um salvador que nos dê o poder de obedecê-la. Embora a lei não possa nos justificar, ela cumpre sua função nos conduzindo ao único que pode. E quem é o único que pode nos justificar? É Cristo. A segunda passagem que analisaremos é Romanos 3:20. O apóstolo Paulo declara: "Visto que pelas obras da lei ninguém será justificado diante dEle, porque pela lei vem o conhecimento do pecado. A segunda função da lei é nos mostrar o pecado. A lei nos mostra nossa incapacidade de nos salvarmos. Ela nos mostra nossa condição pecaminosa.

Agora, veja o que Ellen White diz sobre essa passagem. Essa citação está no devocional matinal Refletindo a Cristo, pág. 47: “A lei nos mostra nossos pecados como um espelho. Ela mostra que nosso rosto não está limpo”. Agora, veja só, que interessante. “O espelho não tem o poder de limpar o rosto. Essa não é a sua função”. Imagine que você se levanta de manhã e

a primeira coisa que faz é ir ao banheiro e se olhar no espelho. É uma bagunça o que você vê. Você vê seu cabelo todo despenteado, vê seu rosto sujo, você não está bem arrumado, precisa urgentemente melhorar esse aspecto. Suponha que, enquanto você se olha no espelho, você diga ao espelho: "Espelho, preciso que você me limpe agora." O que vai acontecer? Absolutamente nada. A função do espelho é mostrar o quão desarrumados e sujos estão nossos rostos, mas não tem a função de nos corrigir. A citação continua: "assim também é a lei. Ela aponta nossos defeitos e nos condena, mas não tem o poder de nos salvar. Precisamos ir a Cristo para o perdão. Ele tomará nossa culpa sobre Sua própria alma e nos justificará diante de Deus. E Ele não apenas nos libertará do pecado, mas também nos dará o poder de obedecer à vontade de Deus".

Após a histórica assembleia da conferência geral em Minneapolis, em 1888, aquele momento icônico em que a preciosa mensagem da justificação pela fé foi apresentada ao povo adventista, Deus revelou à Sua mensageira, em 1893, que enviaria luz adicional para interpretar a lei em harmonia com a misericórdia e a justiça de Deus. Ou seja, para interpretar a lei sob a perspectiva do Evangelho.

Em *The Signs of The Times*, de 13/11/1893, Ellen White, inspirada por Deus, declarou o seguinte: "Vocês verão a lei de Deus e a interpretarão para as pessoas sob uma perspectiva totalmente diferente da que tinham feito no passado. Pois a lei de Deus será vista por vocês como a revelação de um Deus de misericórdia e justiça. A expiação feita pelo maravilhoso sacrifício de Jesus Cristo será vista por vocês sob uma perspectiva totalmente diferente." Quando li essa declaração pela primeira vez, foi inevitável que eu me perguntasse: O que Ellen White quis dizer quando escreveu: "Vocês verão a lei de Deus e a interpretarão para as pessoas sob uma perspectiva totalmente diferente"? Destacando a profundidade e a amplitude do significado da lei, o salmista Davi escreveu no Salmo 119:96: "O teu mandamento é muitíssimo amplo". Com base nesse texto, devemos nos perguntar o seguinte: Será possível que os mandamentos tenham um significado mais amplo do que a que lhes atribuímos comumente? Se a lei, segundo Ellen White, é a expressão do caráter de Deus, e Deus, segundo o que está escrito em 1 João 4:8, é amor, como podemos então interpretar os mandamentos como um resumo do amor de Deus?

Ellen White escreveu o seguinte em *Mente, Caráter e Personalidade*, vol.2, pág. 206: Há perfeita harmonia entre a lei de Deus e o evangelho de Jesus Cristo. Ou seja, não há nenhuma relação de oposição entre eles. Há uma relação de harmonia. Se essa relação harmoniosa é palpável, se essa relação harmoniosa realmente existe, a questão é: onde encontramos Cristo na lei? Onde o encontramos? Onde está Cristo na santa lei de Deus?

Devemos reconhecer que, de uma perspectiva adventista tradicional, os Dez Mandamentos parecem muito distantes da ideia de um Deus que é essencialmente amor. Será que isso ocorre porque talvez não estejamos considerando seu verdadeiro significado?

O que você pensaria se eu lhe dissesse desta vez que os mandamentos são, na verdade, 10 promessas seguras que fluem do amor transformador de Deus por nós? É interessante notar que no hebraico clássico não existe um tempo verbal presente, mas apenas o passado perfeito e o futuro imperfeito. Na Bíblia, embora encontremos muitos imperativos com ordens diretas, os 10 mandamentos descritos em Êxodo, capítulo 20, estão escritos no imperativo futuro. Isso significa que quem fala, que neste caso é o próprio Deus, não está apenas dando uma ordem, mas também assegurando ao destinatário que esses mandamentos serão cumpridos no futuro, mesmo que ele não tenha controle sobre exatamente como ou quando esse cumprimento ocorrerá.

A passagem introdutória aos mandamentos diz o seguinte: Êxodo 20:1: “E Deus falou todas estas palavras, dizendo.” Observe que o texto não diz que Deus falou estas ordens, mas estas palavras. Intencionalmente, Moisés usou um derivado da palavra hebraica *dabár*, que é traduzida como "palavra" no texto, especificamente em Êxodo 20:1, em vez de *mitzvah* ou *tzivah*, que significam respectivamente mandamento e ordem. De acordo com a concordância de Strong, a palavra *dabár* pode ser traduzida como "promessa". Por exemplo, em 1 Reis 8:56 e em Josué 21:45, este termo hebraico é traduzido como "promessa". Aqui você pode ver uma captura de tela do dicionário de Strong e os possíveis significados da palavra *dabár*. E dentro desse leque de significados, a palavra "promessa" está destacada. *Dabár* pode ser traduzido como "promessa". Isso sugere que as palavras que Deus falou em Êxodo 20:1-17 podem ser entendidas como promessas, não como um "não faça isso", mas como um "você não fará isso, porque eu operarei em você e lhe darei o poder de não fazer". Ou seja, *dabár* não é meramente um discurso informativo da parte de Deus, como se Deus estivesse comunicando ou ordenando algo sem que nada realmente acontecesse. Nas Escrituras, *dabár* é um discurso eficaz, um discurso que carrega consigo o poder criativo de Deus. Quando Deus profere sua palavra, essa palavra age por si só e produz uma realidade que não existia antes.

De fato, o salmista interpreta o relato da criação afirmando explicitamente que Deus usou sua palavra, seu *dabár*, como o agente criativo. Salmo 33:6, diz o seguinte: "Pela palavra", e a palavra hebraica ali é *dabár*. “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o seu exército pelo sopro da sua boca”. A mesma força vital que chamou os céus e a terra à existência na criação é a que irrompe com autoridade em Êxodo capítulo 20:1, quando Deus

pronuncia os Dez Mandamentos. Isso significa que a lei não surge como um mero código moral externo, nem como uma lista de exigências que o homem deve cumprir por sua própria força, mas como uma expressão da palavra criadora e eficaz de Deus. Em outras palavras, Deus se compromete a operar em nós aquilo que Ele ordena. Em outras palavras, Deus nos diz em Êxodo 20 que Ele mesmo operará em nós para que não tenhamos outros deuses, para que não adoremos ídolos, para que não tomemos o Seu nome em vão, para que guardemos o sábado, para que honremos nossos pais, para que não matemos, para que não cometamos adultério, para que não roubemos, para que não caluniemos ou prejudiquemos a reputação do nosso próximo e para que não cobiçemos.

Portanto, de acordo com a gramática e a linguística hebraicas, podemos afirmar claramente que os Dez Mandamentos são dez promessas preciosas de Deus ao Seu povo. Com razão, o salmista Davi expressou que meditar na lei de Deus era o seu deleite. Salmo 119:174: “Anseio pela tua salvação, Senhor, e a tua lei é o meu prazer.” Como Davi poderia ter escrito isso se a lei fosse entendida apenas sob a perspectiva de mandamentos negativos? Como Davi poderia ter dito: “A tua lei é o meu prazer?” Davi expressou isso porque compreendia a natureza promissora da santa lei de Deus. Davi sabia que a lei era a promessa viva e poderosa de Deus para todos aqueles que desejam receber essa palavra.

O salmista também declarou no Salmo 119:127-128: “Por isso amo os teus mandamentos mais do que o ouro, mais do que o ouro puro. Por isso considero todos os teus preceitos retos em todas as coisas e detesto o caminho da falsidade.” Será que o salmista poderia ter chamado a lei de deleite e amado os preceitos do Senhor mais do que ouro puro se os mandamentos fossem imposições arbitrárias sem relação com o conceito de promessa? Pessoalmente, acho que não. Apesar de não ter formação formal em línguas bíblicas, Ellen White, por inspiração divina, compreendeu perfeitamente a equivalência que estamos estudando: a equivalência entre mandamento e promessa. Vejamos a seguir algumas citações, organizadas cronologicamente, que refletem claramente essa perspectiva evangélica e cristocêntrica da Santa Lei de Deus. Vale ressaltar que todas essas citações, todas essas declarações, foram escritas depois que Ellen White declarou em 1893: "Vocês verão a lei de Deus e a interpretarão para as pessoas sob uma luz completamente diferente."

1896 - O Grande Conflito, pág. 66: “Todo mandamento ou preceito que Deus dá é baseado na promessa mais positiva”.

1897 - A Maravilhosa Graça de Deus, pág. 134: “Os Dez Mandamentos, os "Fazer" e os "Não Fazer", são dez promessas seguras para nós. Se obedecermos à lei que governa o universo, a

lei dos dez preceitos do maior amor que pode ser apresentado à humanidade, é a voz de Deus do céu que faz essa promessa à alma. Façam isso e vocês não estarão sob o domínio e a direção de Satanás. Não há pontos negativos nessa lei, mesmo que possa parecer o contrário”. Por que ela escreve isso? Bem, precisamente por causa do que ela declara na primeira parte da citação, porque a lei é uma promessa de Deus. É por isso que ela afirma: não há pontos negativos nessa lei, mesmo que possa parecer o contrário. É "faça e viverá".

1900 - Parábolas de Jesus, pág. 268: “Tudo o que deve ser feito por Sua ordem, pode ser realizado por Seu poder”. Ouça isto. “Todos os Seus mandamentos são habilitações [capacitadores]”.

1903 - Educação, pág. 114: “Na Palavra de Deus está a energia criativa que chamou os mundos à existência”. E como se chama essa palavra criativa que vem da boca de Deus e cria algo do nada? Chama-se *dabár*. Na Palavra de Deus está o próprio *dabár* de Deus. E o que dizer dessa palavra? Veja o que diz a citação. “Esta palavra confere poder, dá origem à vida. Todo mandamento é uma promessa”. Glória a Deus por essa declaração. Todo mandamento é uma promessa. Não diz que alguns mandamentos que encontramos na palavra de Deus, alguns mandamentos que lemos na santa palavra de Deus são uma promessa. Não diz isso. Diz que todo mandamento que lemos na palavra de Deus é uma promessa. “Aceita pela vontade, recebida na alma, traz consigo a vida do ser infinito. Transforma a natureza e recria a alma à própria imagem de Deus”.

1905 - O Ministério da Cura, pág. 77: “Deus estabeleceu as leis da natureza, mas Suas leis não são exigências arbitrárias. Toda proibição incluída em uma lei, seja física ou moral, implica uma promessa. Se a obedecermos, a bênção nos acompanhará. Deus nunca nos força a fazer o bem, mas Ele busca nos manter longe do mal e nos guiar para o bem”.

Aqui você pode ver na tela um resumo de todas essas declarações que acabamos de ler. Podemos ver claramente a natureza promissora da lei em todas essas citações que lemos há alguns minutos. 1896, 1897, 1900, 1903, 1905. Em todos esses anos, Ellen White, ao longo de seus escritos, reiterou que a lei é a promessa de Deus à humanidade. Se considerarmos, com base em nossos preconceitos, que a lei não pode ser considerada uma promessa, então somos obrigados a rejeitar o espírito da profecia, o dom profético. Teríamos que ser lógicos com nossa fé, lógicos com nosso pensamento e também ser honestos conosco e rejeitar completamente o dom profético, porque o dom profético apoia a ideia de que a lei é uma promessa.

Essas declarações que lemos são maravilhosas e refrescam a alma. Os mandamentos não são exigências arbitrárias como geralmente pensamos. Os mandamentos não são ordens que Deus espera que cumpramos por meio de nossa própria força de vontade. Por quê? Veja o que diz esta declaração. O Maior Discurso de Cristo, pág. 50: “É impossível para os seres humanos observarem a lei por sua própria força, porque a natureza do homem é depravada, deformada e totalmente diferente do caráter de Deus”. Ou seja, os mandamentos não podem ser observados por meio do esforço humano. Mas quando o homem recebe a graça de Deus, quando o homem recebe o poder da palavra de Deus, o homem, como lemos em cada uma dessas declarações, é capacitado, é habilitado a cumprir os mandamentos. Em outras palavras, os 10 mandamentos são, na verdade, 10 princípios que descrevem como podemos viver se ouvirmos a voz de Deus e permitirmos que Seu amor nos transforme completamente.

Agora, essas declarações do espírito de profecia que acabamos de ler têm apoio bíblico? Os mandamentos poderiam ser considerados promessas divinas de acordo com o que as Escrituras nos dizem? Vejamos o comentário que o salmista faz a respeito da promulgação da lei de Deus no Salmo 81:8-11: “Ouçam, ó povo meu, e eu os admoestarei, ó Israel: Se vocês me ouvirem, não haverá deus estrangeiro no meio de vocês, nem se prostrarão diante de deuses estranhos. Eu sou o Senhor, o seu Deus, que te tirou da terra do Egito. Abra bem a sua boca, e eu a enchei. Mas o meu povo não ouviu a minha voz; Israel não me aceitou”. Perceba como o salmista fala da lei de Deus? Ele a descreve em termos de promessa. “Ouçam, meu povo, se vocês me ouvirem, não haverá deus estranho entre vocês, nem vocês se curvarão diante de um deus estrangeiro”. Claramente, a linguagem em que este mandamento é expresso aqui no Salmo 81 é uma linguagem promissória. É uma linguagem em que a lei é apresentada como uma promessa.

Vejamos agora como o apóstolo Paulo afirma a mesma coisa em Gálatas 3:21. Ele faz uma pergunta: “A lei é então contrária às promessas de Deus? A resposta: De modo nenhum! Pois se tivesse sido dada uma lei que desse vida, a justiça viria pela lei”. Por que Paulo afirma que a lei não é contrária às promessas de Deus? A única maneira de a lei não contradizer as promessas de Deus é se ela estiver integrada a essas promessas. Ou seja, se a própria lei faz parte dessas promessas. E é precisamente isso que o apóstolo Paulo afirma nesta passagem. Para o apóstolo Paulo, a lei não é algo estranho ou contraditório ao pacto eterno, mas sim está plenamente incluída na promessa do pacto. A lei é a promessa do pacto. Por essa razão, ela não pode ser contrária às promessas de Deus. Essa é a única maneira de interpretar esta passagem. É a única explicação possível.

Veja o que diz Hebreus 8:10: "Porei as minhas leis nas suas mentes e as escreverei nos seus corações". Paulo apresenta aqui precisamente que a lei é a promessa do pacto. E é por essa razão que, de acordo com Gálatas 3:21, a lei não pode ser contrária a essas promessas.

Outra passagem que apoia a equivalência entre mandamento e promessa encontra-se em Romanos 8:4: "Para que a justiça da lei fosse plenamente cumprida em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito". Note que, segundo o apóstolo Paulo, o propósito de Deus era enviar seu Filho em semelhança da carne pecaminosa para condenar o pecado na carne. Lemos isso no versículo anterior, Romanos 8:3. Qual é o propósito disso? "Para que a justiça da lei se cumprisse em nós", de acordo com o que está escrito no versículo 4. Esse cumprimento não é produto do esforço humano, mas sim resultado da obra do Espírito nos crentes regenerados. É por isso que o texto não diz que a justiça da lei foi cumprida por meio de nós, mas em nós.

Agora, pergunto: o que é uma promessa? Uma promessa é uma declaração solene que garante o cumprimento de um compromisso, seja dar algo ou realizar uma ação em nome de uma pessoa. Sob essa definição, a justiça da lei cumprida em nós não pode ser entendida como uma exigência externa que devemos alcançar por nossos próprios meios, mas como uma obra que o próprio Deus se comprometeu a realizar em seu povo. Nesse sentido, a justiça da lei é uma promessa divina na qual Deus transforma o ser humano por dentro, escrevendo a própria lei, os mandamentos, em seus próprios corações.

Ora, algumas pessoas, influenciadas por seus preconceitos ou motivadas por orgulho religioso, acreditam erroneamente que afirmar, como ensinam a Bíblia e os testemunhos, que a lei é uma promessa implica negar que os mandamentos sejam ordens ou exigências, interpretando-a, portanto, como uma espécie de desrespeito à lei. A questão é: essa correspondência entre mandamento e promessa nega que os mandamentos sejam ordens? A resposta é não. De modo algum. Contudo, é preciso esclarecer que esses mandamentos não são cumpridos, não são cumpridos pelo homem por meio de esforço humano. Esses mandamentos são cumpridos por Deus no homem por meio do poder da Sua palavra, por meio da palavra que sai da Sua boca.

Veja o que Hebreus 4:12, diz. Observemos o poder que pulsa na própria palavra de Deus, pois "a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas". Essa palavra é capaz de criar algo do nada e de ressuscitar qualquer pessoa da morte espiritual. É por essa razão que o apóstolo Paulo afirma em Hebreus 13:20-21 que, "por meio do sangue do pacto

eterno, Deus nos capacita para toda boa obra, para que façamos a sua vontade, operando em nós o que é agradável aos seus olhos, por meio de Jesus Cristo, a quem seja dada a glória para todo o sempre. Amém”. Pensar que o homem pode cumprir essas promessas, esses mandamentos, por si só é adotar uma perspectiva antropocêntrica do evangelho, uma perspectiva que constitui o princípio orientador de todo falso sistema religioso conhecido como Babilônia e o fundamento sobre o qual todas as religiões pagãs se baseiam. Essa perspectiva da lei definitivamente nos dá outra perspectiva sobre a salvação. O mandamento fora de Cristo é um código rígido, mas em Cristo torna-se uma promessa viva.

Quando lemos na lei: "Não matarás", se lermos esse mandamento fora do contexto de Cristo, veremos um código rígido, uma ordem, uma declaração que exige algo de nós. Mas quando nos voltamos para o mandamento em Cristo, o veremos como uma promessa. Deus está nos dizendo: "Vocês me receberam. Vocês abriram o coração para que minha palavra possa produzir uma mudança em vocês, para que eu torne possível que vocês cumpram esse mandamento. Não porque vocês tenham força, não porque vocês tenham experiência religiosa, não porque vocês tenham uma força de vontade desenvolvida, mas porque o poder do meu Espírito Santo torna isso possível em vocês.

Sob a abordagem do antigo pacto, isto é, a religião que ensina que a salvação pode ser obtida por meio do esforço humano, a lei de Deus é um código moral rígido, desprovido de poder e cheio de bons imperativos e exigências. Mas sob a perspectiva do novo pacto, a lei é uma lista de promessas superiores. Agora, a questão é: quem dá e quem cumpre essas promessas superiores em nós? A resposta é somente Deus. Ele é o único que pode cumprir essas promessas de libertação total do pecado em nossas vidas. O profeta Jeremias, referindo-se ao pacto eterno, escreveu o seguinte em Jeremias 31:33: “Mas esta é o pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”. Deve-se notar que esta passagem bíblica nos mostra o pacto como uma promessa. E estudamos isso no último sábado e isso não é por acaso, porque é precisamente isso que o pacto é, uma promessa de Deus para a humanidade. E em que consiste essa promessa? Consiste em Deus escrever a lei em nossos corações, Deus nos tornar obedientes, Deus alinhar a nossa vontade com a Sua vontade, os Seus pensamentos com os nossos pensamentos. Deus fará isso. Deus tem esse poder. Essa é a promessa do pacto.

Veja o que o Pastor Waggoner escreveu em seu comentário As Boas Novas: Gálatas, Versículo a Versículo, pág. 86, a respeito do pacto e da promessa: “O pacto e a promessa de Deus são um só. O pacto de Deus com o homem não pode ser nada além de promessas feitas

ao homem”. Agora, vamos retornar a Jeremias 31:33, e respondamos à seguinte pergunta: Quem promete em Jeremias 31:33? Vamos fazer uma exegese bem curta e simples desta passagem. Quem é que está prometendo aqui nesta passagem? É Deus quem promete. Ele é quem cumpre as promessas. O texto diz: “Este é o pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias”, diz o Senhor. Agora, a próxima pergunta que devemos nos fazer é: o que Deus promete nesta passagem? Em que consiste este pacto que Deus está prometendo? Este é o pacto que farei. “Darei a minha lei, escrevê-la-ei nos seus corações e serei o seu Deus”. Perceberam? Quem realizará tudo isso em nós? Quem? Deus. Não somos nós mesmos que faremos isso. É Deus quem o fará em nós. E prestem atenção às preposições que estou usando, pois não quero ser mal interpretado. Não estou dizendo que Deus fará isso por nós. Estou dizendo que Deus fará isso em nós. Ele transformará nossos corações. Ele imprimirá a lei em nossos corações, tornando-nos obedientes.

Portanto, o que podemos fazer, de acordo com o que estamos lendo aqui em Jeremias 31:33, é receber as promessas de Deus pela fé. É receber pela fé a inscrição da lei, que faz parte das promessas de Deus. E onde aparece no espírito da profecia que a nossa parte é receber? Agora, vou reler uma citação que compartilhei na apresentação anterior que nos mostram qual é a parte do homem no contexto da aliança.

Nos Lugares Celestiais, pág. 14, a serva de Deus diz: "O homem recebe o privilégio de trabalhar com Deus na salvação de sua própria alma." Alguém poderia dizer: Ora, o homem deve trabalhar junto com Deus para a sua salvação. O homem deve contribuir para a sua salvação. O homem age como um corredor em sua salvação. Porque a citação está dizendo: "O homem recebe o privilégio de trabalhar com Deus na salvação de sua própria alma." Mas a citação não termina aí. Vamos continuar lendo. Qual é o trabalho que o homem realiza na salvação? Em que consiste esse trabalho? Qual é a parte do homem? Qual é a sua colaboração no contexto do plano de salvação? No contexto do pacto eterno, “ele deve receber Cristo como seu Salvador pessoal e deve crer Nele”. E se isso não ficou claro, ela enfatiza essa mesma ideia mais uma vez na última parte da citação. “Receber e crer são as partes deles no contrato”. Qual é a nossa parte? Receber e crer. O que vamos receber? A promessa de Deus. E qual é a promessa de Deus? A inscrição da lei em nossos corações. Essa é a nossa parte. Receber a lei em nossos corações, receber a fé de Jesus Cristo que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. E quando recebemos essa fé, quando essa fé é implantada em nossas vidas, a obediência de Cristo também é implantada em nossos corações, porque essa fé obedece por amor. Essa é a fé de Jesus, a verdadeira fé, a fé que devemos nos esforçar para ter, a fé que devemos nos esforçar para receber de Deus.

Como é maravilhoso considerar, como escreveu o Pastor Waggoner em seu comentário em *As Boas Novas: Gálatas, Versículo a Versículo*, pág. 93: “Os preceitos de Deus são promessas. Não pode ser de outra forma, pois Ele sabe que não temos poder algum. O Senhor providencia tudo o que é necessário quando diz: “Não farás isso”. Podemos interpretar isso como a garantia que Ele nos dá, de que, se crermos, Ele nos guardará do pecado contra o qual nos adverte nesse preceito”. Glória a Deus por essa declaração, uma declaração que tem ampla solidez e fundamento na Bíblia e nos escritos de Ellen White.

Portanto, quando ouvimos os mandamentos de Deus, na verdade estamos ouvindo dez promessas de obediência e vitória sobre o pecado que vêm diretamente do céu para nós. E eu pergunto a vocês, meus queridos irmãos e irmãs, não é esta uma boa notícia que a lei seja uma poderosa promessa para as nossas vidas? Não é esta a boa notícia do evangelho? Deus provendo o poder da Sua justiça para que possamos obedecer perfeitamente à Sua santa lei. Claro que é uma boa notícia.

Havia um pastor chamado George Fifiield. Esse pastor proferiu uma série de sermões na Conferência Geral de 1897, e o que ele disse a respeito dos mandamentos de Deus me chamou a atenção. Muito impressionante. Ele declarou em um de seus sermões — e este não é um sermão qualquer, mas sim um sermão proferido em uma reunião da Conferência Geral de nossa igreja, na qual Ellen White estava presente. “Esta lei foi dada à humanidade. Ela não foi concebida para ser uma lei morta, condenando o coração humano, mas sim uma lei viva, que contém o poder divino e criativo do evangelho, para elevar a vida. Quantas promessas divinas e criativas encontramos nela! Não terás outros deuses além de mim. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão. Estas são promessas para a alma que as vê à luz do evangelho e, por meio da fé em Cristo, repousa nelas. Elas se tornarão os braços eternos do amor para sustentá-la e apoiá-la eternamente”. Oh, meu querido irmão, quão maravilhoso é o amor que Deus demonstrou em Sua santa lei. Agora, tudo o que nos resta fazer é receber essa promessa, e essa palavra viva imprimirá a obediência e o caráter de Cristo em nós, expulsando o pecado de nossos corações.

Em 1 João 5:3, lemos o seguinte: “Amar a Deus consiste em obedecer aos Seus mandamentos, e os Seus mandamentos não são um fardo”. Por que os mandamentos não são um fardo? Ah, porque os mandamentos são uma promessa de Deus para você. Como uma promessa poderia sobrecarregar nossos corações, sobrecarregar nossa vida espiritual? Se um mandamento é um fardo para você, se um mandamento é uma mala pesada que praticamente o derruba e o coloca no chão, é porque você ainda não entendeu que o mandamento é uma promessa do poder de Deus. Você não entendeu que o mandamento é

praticamente o que Deus quer fazer em você por meio da justiça que nos é transmitida da cruz do Calvário. A pergunta que quero fazer para concluir nosso tema é: Deus pode tornar o homem obediente?

Deus pode tornar o homem perfeito, totalmente preparado para toda boa obra? Pode Deus fazer com que o homem se conforme ao espírito da lei e seja capaz de observar perfeitamente a santa lei de Deus à risca, sem omitir um único jota ou til? Deus tem esse poder? A resposta é sim. Deus tem esse poder. Se Deus não tivesse esse poder, Deus não seria Deus. Deus tem esse poder. Claro que tem. A Bíblia diz isso claramente. E veja o que diz Apocalipse 14:12. Como terminará o último, um dos últimos capítulos do grande conflito nesta terra? Essa passagem nos mostra que Deus, antes da segunda vinda de Cristo. E como sabemos disso? Bem, porque depois do versículo 12, João fala da segunda vinda de Cristo. Deus, antes da segunda vinda de Cristo, pelo poder da sua graça, pelo poder da sua justiça, levantará um povo, uma geração de justos, que se apegarão ao mandamento, que aceitarão e receberão pela fé a promessa do pacto eterno. Pois a promessa do pacto é a inscrição da lei no coração. Não nos esqueçamos. Como João descreve esse povo? “Eis a paciência dos santos, daqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus”

Quão maravilhoso e solene será testemunhar a vindicação final do caráter de Deus na conclusão do grande conflito. Diante dos olhos de todo o universo, será plenamente demonstrado que Deus nunca agiu egoisticamente. Será plenamente comprovado que Satanás estava errado, que Deus é verdadeiramente aquele que sempre afirmou ser: amor. Cada ato, cada julgamento, cada expressão de Seu domínio revela que Deus é amor, e toda dúvida será dissipada no final, toda acusação silenciada, e as criaturas de todos os mundos, todo o universo, reconhecerão que a lei de Deus é uma bela promessa de liberdade e vida. Reconhecerão que Deus é amor, e que o amor transforma a tal ponto que levanta uma geração de justos que cumprem ao mandamento da lei. Fico fascinado com a forma como O Grande Conflito termina, na pág. 657: “O grande conflito acabou. Não há mais pecado nem pecadores. Todo o universo está purificado”. Purificado de quê? Do pecado. “O mesmo pulso de harmonia e alegria vibra por toda a criação. Daquele que criou todas as coisas flui vida, luz e contentamento através de toda a extensão do espaço infinito, do menor átomo ao mundo mais vasto. Todas as coisas, animadas e inanimadas, declaram em sua beleza imaculada e alegria perfeita que Deus é amor”.

Assim termina o grande conflito, mostrando a todo o universo que Deus é amor, que Sua lei não é arbitrária, que Deus não está pedindo algo que a humanidade não possa realizar pelo poder de Sua graça. É assim que o conflito terminará. E quando o conflito terminar, todo o

universo estará em harmonia, porque a santa lei de Deus estará gravada em toda inteligência, em todo ser vivo. Todo o universo dirá em uma só voz que Deus é amor. Que o Senhor te abençoe!